



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus  
Urutaí**

Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica

# **UM MODELO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA COM ADOLESCENTES PARA O ENSINO MÉDIO**

**NADINE BOTELHO SANTOS**

**Orientador(a): Prof. Dr. André Luis da Silva Castro**

Urutaí, Abril de 2022

**NADINE BOTELHO SANTOS**

**UM MODELO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE  
CARREIRA COM ADOLESCENTES PARA O ENSINO MÉDIO**

*Orientador(a)*

Prof. Dr. André Luis da Silva Castro

Dissertação apresentada ao Instituto Federal Goiano –  
Campus Urutaí, como parte das exigências do Programa  
de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica para  
obtenção do título de Mestre.

Urutaí (GO)  
2022

Os direitos de tradução e reprodução reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada ou reproduzida por meios mecânicos ou eletrônicos ou utilizada sem a observância das normas de direito autoral.

ISSN XX-XXX-XXX

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
**Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano**

SSA237 Santos, Nadine Botelho Santos  
m UM MODELO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE  
CARREIRA COM ADOLESCENTES PARA O ENSINO MÉDIO /  
Nadine Botelho Santos Santos; orientador André Luis  
da Silva Castro. -- Urutaí, 2022.  
91 p.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação  
em Ensino para a Educação Básica) -- Instituto  
Federal Goiano, Campus Urutaí, 2022.

1. Orientação Profissional e de Carreira. 2.  
Ensino Médio. 3. Produto Educacional. 4.  
Adolescentes. 5. Professores de Ensino Médio. I.  
Luis da Silva Castro, André, orient. II. Título.



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano**

Reitor

Prof. Dr. Elias de Pádua Monteiro

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Prof. Dr. Alan Carlos da Costa

**Campus Urutaí**

Diretor Geral

Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Cunha

Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Prof. Dr. Anderson Rodrigo da Silva

**Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica**

Coordenador

Prof. Dr. Ricardo Diógenes Dias Silveira

Urutaí, abril de 2022

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |                                                                      |                                                         |
|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Tese                                        | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação                      | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização                 | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |                                                         |

Nome Completo do Autor: Nadine Botelho Santos

Matrícula: 2020101332140104

Título do Trabalho: Um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para o ensino médio

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 07/05/2022

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Goiânia, 07/05/2022

*Nadine Botelho Santos*

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 17/2022 - CREPG-UR/DPGPI-UR/CMPURT/IFGOIANO

### **PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

#### **BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Aos sete dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública realizada por videoconferência, para procederem avaliação da defesa de dissertação em nível de mestrado, de autoria de **Nadine Botelho Santos**, discente do **Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí**, com o trabalho intitulado **"Um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para o ensino médio"**. A sessão foi aberta pelo presidente da banca examinadora, **Prof. Dr. André Luis da Silva Castro**, que fez a apresentação formal dos membros da banca. A palavra, a seguir, foi concedida ao autor da dissertação para, em 40 minutos proceder à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o examinado, tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se a avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica a dissertação foi **APROVADA**, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de **MESTRE EM ENSINO PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**, na área de concentração em **Ensino para a Educação Básica**, pelo Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. A conclusão do curso dar-se-á após o depósito da versão definitiva da dissertação no Repositório Institucional do IF Goiano. Assim sendo, a defesa perderá a validade se não cumprida essa condição, em até **60 (sessenta) dias** da sua ocorrência. A banca examinadora recomendou a publicação dos artigos científicos oriundos dessa dissertação em periódicos e o depósito do produto educacional em repositório de domínio público. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação de mestrado, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada eletronicamente pelos membros da banca examinadora.

Membros da Banca Examinadora:

<b>Nome</b>	<b>Instituição</b>	<b>Situação no Programa</b>
Prof. Dr. André Luis da Silva Castro	IF Goiano - Campus	Presidente

Urutaí

Prof. Dr. Ricardo Diógenes Dias Silveira	IF Goiano - Campus Urutaí	Membro interno
Profa. Dra. Lorena Fleury de Moura	Faculdade Pitágoras - Goiânia	Membro externo

Documento assinado eletronicamente por:

- Lorena Fleury de Moura, Lorena Fleury de Moura - 203525 - Pesquisador em psicologia - Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (10651417000259), em 14/04/2022 15:21:29.
- Ricardo Diógenes Dias Silveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 07/04/2022 15:36:33.
- Andre Luis da Silva Castro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 07/04/2022 15:34:32.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 06/04/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 375947

Código de Autenticação: 9c6c645b7b



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Urutaí

Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2,5, Zona Rural, None, URUTAÍ / GO, CEP 75790-000

(64) 3465-1900



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

## FOLHA DE APROVAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

**Título da dissertação:** Um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para o ensino médio

**Orientador:** Prof. Dr. André Luis da Silva Castro

**Autor:** Nadine Botelho Santos

Dissertação de Mestrado **APROVADA** em **07 de abril de 2022**, como parte das exigências para obtenção do Título de **MESTRE EM ENSINO PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**, pela Banca Examinadora especificada a seguir:

Prof. Dr. André Luis da Silva Castro - Orientador IF Goiano

Prof. Dr. Ricardo Diógenes Dias Silveira IF Goiano

Profa. Dra. Lorena Fleury de Moura Faculdade Pitágoras

Documento assinado eletronicamente por:

- Lorena Fleury de Moura, Lorena Fleury de Moura - 203525 - Pesquisador em psicologia - Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (10651417000259), em 05/05/2022 10:50:00.
- Ricardo Diógenes Dias Silveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/05/2022 19:03:08.
- Andre Luis da Silva Castro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/05/2022 18:49:17.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 04/05/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 385295

Código de Autenticação: b4e9cde5fc



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Urutaí

Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2,5, Zona Rural, None, URUTAÍ / GO, CEP 75790-000

(64) 3465-1900



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -  
CAMPUS URUTAÍ

Programa de Pós-Graduação em  
Ensino para a Educação Básica

#### FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL PELA BANCA DE DEFESA

Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí - PPG-ENEB

**Discente:** Nadine Botelho Santos

**Título da Dissertação/Tese:** Um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para o ensino médio

**Título do Produto:** Orientação: um manual de orientação profissional e de carreira para adolescentes no Ensino Médio

**Orientador:** Prof. Dr. André Luis da Silva Castro

#### FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)

<b>Complexidade</b> - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional.  <b>*Mais de um item pode ser marcado.</b>	(X) O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.  (X) A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.  (X) Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.  ( ) Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.
<b>Impacto</b> - considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	( ) Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente.  ( X ) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente.

<p><b>Aplicabilidade</b> - relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.</p>	<p><input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa.</p> <p><input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.</p>
<p><b>Acesso</b> - relaciona-se à forma de acesso do PE.</p>	<p><input type="checkbox"/> PE sem acesso.</p> <p><input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada.</p> <p><input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito.</p>
<p><b>FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)</b></p>	
	<p><input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito.</p>
<p><b>Aderência</b> - compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.</p>	<p><input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.</p>
<p><b>Inovação</b> - considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito).</p> <p><input type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos).</p> <p><input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).</p>
<p><b>Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE:</b></p> <p>O produto foi inspirado em atividades e ferramentas desenvolvidas por orientadores profissionais com enfoque na atuação com adolescentes, com aplicação em grupo e dentro do ambiente escolar do Ensino Médio. Pode ser aplicado por professores, diretores e coordenadores. O material é bem explicativo e pode contribuir na construção do projeto de vida de estudantes do Ensino Médio.</p>	

Ricardo Diógenes Dias Silveira - Membro Interno (Assinado eletronicamente)

Letícia Fleury de Moura - Membro Externo (Assinado eletronicamente)

Urutaí, 07 de abril de 2022.

Documento assinado eletronicamente por:

- Letícia Fleury de Moura, Letícia Fleury de Moura - 203525 - Pós-graduação em psicologia - Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (3855437000298), em 14/04/2022 15:28:23.
- Ricardo Diógenes Dias Silveira, PROFESSOR ENS BÁSICO TECH TECNOLOGICO, em 08/04/2022 08:22:26.
- André Luis da Silva Castro, PROFESSOR ENS BÁSICO TECH TECNOLOGICO, em 08/04/2022 08:30:52.

Este documento foi emitido pelo SIAP em 08/04/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://siap.ifgoinfo.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Logotipo verificador: 311000  
Código de Autenticação: da802be6d1



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Urutaí

Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2,5, Zona Rural, Nono, URUTAÍ / GO, CEP 75798-000

(64) 3465-1900

*“Não há mais lugar para construirmos individualmente se quisermos privilegiar a sociedade como um todo. E, se assim não quisermos, os prejuízos recairão sobre nós mesmos, pois somos por ela constituídos e, ao mesmo tempo, seus constituintes”*  
(MARILU LISBOA)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu querido e amado Pai, por me abençoar e possibilitar tamanha oportunidade de crescimento. O Senhor me sustentou e cuidou em todos os momentos, e minha gratidão é infinita por tanto amor e carinho.

Ao IF Goiano – Campus Urutaí por me proporcionar um ensino de excelência com profissionais de empenho e qualidade.

A meu orientador, André Castro, que mesmo em áreas de estudo e pesquisa tão distintas da minha, confiou no desenvolvimento deste trabalho e me proporcionou espaço para crescimento.

A minha parceira e amiga, Mariana Brasil, que nesta caminhada me mostrou o verdadeiro significado do crescer junto, por me mostrar a importância e os desafios da prática da Psicologia sendo meu respaldo e apoio contínuo. Muito obrigada por fazer parte desta história.

A Graciana Assunção e Patrícia Oliveira por me apresentarem o universo da Orientação Profissional e de Carreira, sendo minhas mentoras, amigas e fontes de admiração e apoio. Agradeço grandemente a presença e incentivo de vocês.

A minha terapeuta, Maysa Benjamin, por se dispor a caminhar comigo por tantos anos, transformando-se em meu colo de acolhimento e incentivo. Seu suporte e seu olhar sobre o mundo me ajudaram a encontrar meu próprio espaço, obrigada por tanto.

A minha família que não mediu esforços em investir na minha formação de uma forma ampla, por me amarem sobremaneira e acreditarem em meu potencial. Vocês são meu alicerce nessa jornada e meus maiores exemplos. Meu amor por vocês é imensurável e minha admiração também.

Ao meu amado Igor, meu marido e amigo. Obrigada por todo zelo, amor, paciência e companheirismo. Juntos sempre seremos mais fortes. Sem seu apoio eu poderia ter desistido. O seu acreditar em mim me faz ir mais longe. Te amo!

Aos meus amigos, que escutaram minhas dores, compreenderam minhas ausências e sempre são minha maior torcida, muito obrigada por me aceitarem como sou e me ajudarem a caminhar. A cada cliente que foi paciente comigo em dias de cancelamento de atendimentos para eu estar presente em aulas. Obrigada por escolherem confiar em mim e me permitir caminhar junto com vocês. É especial poder crescermos juntos.

A todos que de algum modo me fizeram expandir meus horizontes, meus sinceros agradecimentos!

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>17</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>18</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Referências .....</b>	<b>22</b>
<b>2. A VISÃO DOS PROFESSORES DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA DE PRIMEIRA ESCOLHA.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Introdução .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Material e métodos .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Resultados e discussão .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 Considerações finais .....</b>	<b>40</b>
<b>2.5 Referências .....</b>	<b>41</b>
<b>3. ANÁLISE SOBRE UMA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA REMOTA EM AMBIENTE ESCOLAR .....</b>	<b>44</b>
<b>3.1 Introdução .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Material e métodos .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3 Resultados e discussão .....</b>	<b>49</b>
<b>3.4 Considerações finais .....</b>	<b>56</b>
<b>3.5 Referências .....</b>	<b>57</b>
<b>4. ORIENT(AÇÃO): UM MANUAL DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA PARA ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1 O que é .....</b>	<b>59</b>
<b>4.2 Como foi desenvolvido .....</b>	<b>60</b>
<b>4.3 Como usar .....</b>	<b>61</b>
<b>4.4 Apresentação e protocolo.....</b>	<b>62</b>
<b>4.5 Referências .....</b>	<b>76</b>

<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE D.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE E.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE F .....</b>	<b>89</b>

# **Um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para o ensino médio**

## **RESUMO**

A presente dissertação consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa exploratória por meio da pesquisa de campo. Este trabalho foi realizado com professores e alunos de duas escolas de ensino médio, sendo uma pública estadual e uma pública federal. Seu objetivo esteve em compreender a visão e o conhecimento de professores da educação básica quanto ao trabalho da Orientação Profissional e de Carreira (OPC) para assim desenvolver, aplicar e validar um protocolo de OPC de Primeira Escolha com adolescentes no ensino médio. Ela foi realizada por meio da aplicação de um questionário com os professores. O questionário verificou também se eles conheciam a OPC ou se viam a orientação profissional pelo viés da orientação vocacional. Foi investigado se esses professores tinham conhecimento sobre a possibilidade de atuarem como orientadores de seus alunos e se teriam interesse em agregar essa atuação em seu trabalho. Com estes dados, foi possível aprimorar um protocolo de OPC que foi aplicado com grupos de adolescentes nas escolas de ensino médio coparticipantes. Os alunos participantes responderam a um questionário em escala Likert ao final de cada encontro, verificando se estes compreendiam as atividades propostas, se sentiam-se motivados a participar, se perceberam que o trabalho contribuiu em suas reflexões sobre sua escolha profissional. Mediante a aplicação e análise dos resultados fez-se a validação do protocolo. A análise dos dados coletados resultou em um produto educacional em formato de e-book. Este e-book apresenta a possibilidade de trabalho da OPC nas escolas de ensino médio por meio do protocolo validado, impulsionando a atuação de professores nesta temática, sendo incentivo para tal atuação, a fim de contribuir na formação dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional e de Carreira; Ensino Médio; Produto Educacional.

# **A model of professional and career guidance with teenagers in high school**

## **ABSTRACT**

The present study consists on exploratory qualitative approach research. This work was developed with teachers and students from two high schools, one state public and one federal public. Its objective is to understand the vision and knowledge of teachers from basic education regarding the work of Professional and Career Guidance (PCG) in order to develop, apply and validate a First Choice PCG protocol with teenagers in high school. It was carried out through the application of a questionnaire with the teachers. The questionnaire also elucidated if they knew about PCG or if they understood professional guidance from the perspective of vocational guidance. It was also investigated whether these teachers were aware of the possibility to work as mentors of their students and whether they would be interested in adding this role to their work. With these data, it was improved an PCG protocol that was applied with groups of teenagers in co-participating high schools. The participating students answered a questionnaire on a Likert scale at the end of each meeting, verifying if they understood the proposed activities, if they felt motivated to participate, if they felt that the work contributed to their reflections on their professional choice. Through the application and analysis of the results, the protocol was validated. The analysis of the collected data resulted on educational product as an e-book. This e-book presents the possibility of PCG work in high schools through the validated protocol, boosting the performance of teachers in this theme, being an incentive for such action in order to contribute to the teenagers growing.

**Keywords:** Professional and Career Guidance; High school; Educational Product.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é um direito de toda criança e adolescente. Ela tem como objetivo promover o desenvolvimento e a formação, garantindo qualidade social e preparação para o mercado de trabalho. A educação à cidadania é um dos objetivos dessa formação. Ela pode ser entendida a partir de diretrizes legais, de atuações sociais, bem como da formação integral do sujeito. A formação cidadã deve contemplar as potencialidades físicas, psíquicas, sociais, financeiras, intelectuais e espirituais.

Segundo Spaccaquerche (2005), referindo-se ao ensino formal, essas potencialidades se expressam na educação básica a partir de três pontos. Primeiro, a educação tem por objetivo promover a reflexão para o desenvolvimento do pensar. Ela alia o conhecimento com a experiência e promove o amadurecimento do indivíduo. Segundo, ela deve alcançar o desenvolvimento da autopercepção do sujeito em seu meio social, pois é conhecendo o que sou e o que tenho de possibilidade que posso agir no mundo. Por fim, o terceiro objetivo da educação é ensinar os jovens a escolherem as suas próprias ações e saberem exercer sua liberdade com responsabilidade. Todos esses pontos tangem à formação de sujeitos ativos para o exercício da cidadania.

Contudo, será que as escolas e os professores têm conseguido atuar conforme a complexidade da educação à cidadania? Young (2007) afirma que as escolas têm se transformado em mercados à medida que buscam entregar resultados. Não há comprometimento com os processos e os conteúdos. Pode-se evidenciar que, hoje, há nas escolas um conflito entre o ensino e aprendizagem tradicional e ativo. Isso porque tem-se tido uma mudança de propostas conteudistas para uma concepção de formação integral (BRASIL, 2017). Essa transição pode ser evidenciada nas áreas de ensino. Anteriormente tinha-se as áreas humanas, exatas e biológicas, e hoje têm-se as áreas de linguagem, códigos, ciências humanas, matemática e ciências da natureza, todas com suas respectivas tecnologias.

Mesmo com esta transição e enfoque, a educação à cidadania não tange apenas o universo escolar. Ela é resultado de um equilíbrio entre ensino formal e não formal. Adentra-se, assim, a realidade social. Corseuil e Franca (2020) apontam o desafio atual do mercado de trabalho. Eles afirmam que, com a recessão do mercado, decorrente da pandemia, da crise econômica e do avanço tecnológico, existe uma parcela de jovens que escolhem nem tentar se inserir no mercado de trabalho. Estes são chamados de desalentos: possuem força de trabalho, mas não trabalham. Os autores justificam que o número de desalentos tem crescido cada vez mais pelo

distanciamento da formação do jovem com o posto de trabalho. Eles estudam, aprendem diversos conteúdos, mas não conseguem integrar esse ensino com a atuação no universo do emprego. Eles não desenvolveram experiência e formação para a prática profissional e, além disso, “a recessão amplia a barreira potencial à inserção dos jovens no mercado de trabalho” (CORSEUIL; FRANCA, 2020, p. 8).

Quanto ao trabalhador brasileiro, Machado (2018) revela que 64% das pessoas estão insatisfeitas com seu trabalho, e desse percentual 36,52% dos profissionais estão infelizes com a atividade que realizam. O autor mostra, também, que 64,24% gostariam de ter outra ocupação para serem mais felizes. Quanto aos jovens brasileiros, Crestani (2016) ressalta que há uma imaturidade nessa faixa etária. Essa imaturidade seria uma inabilidade para lidar com o processo de escolher. Há uma crise existencial percebida através da dificuldade na realização de escolhas e no exercício da autonomia. Para tanto, jovens imaturos geram adultos despreparados para o mercado, resultando em insatisfações e desistência, como apontam as pesquisas citadas. A cisão existente entre o ensino formal e o mercado de trabalho colocam em xeque o desenvolvimento dos jovens brasileiros. Como os adolescentes têm projetado seu futuro? Observa-se que, por essas pesquisas, estes jovens não têm tido preparo, segurança e maturidade para se encontrarem no pós-escola. Não tem acontecido integralidade entre formação e prática.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento de transição. É o momento em que eles constroem e confirmam sua identidade, diferenciam-se de suas famílias, ampliam suas habilidades intelectuais e físicas, têm um pico no desenvolvimento corporal, apropriam valores, formam sua autoimagem, autoestima, condutas éticas e realizam projetos de vida (FERNANDES, 2013). Como será que esses adolescentes podem ser acolhidos nesse processo de transição, estimulados a integrar o ensino com a prática, e assim se encontrarem no mercado de trabalho?

Existe atualmente um processo desenvolvido, principalmente pela Psicologia, conhecido como Orientação Profissional e de Carreira (OPC). A OPC é um trabalho social desenvolvido não só por psicólogos, mas também por diferentes profissionais como pedagogos, *coaches*, administradores e psicopedagogos entre outros, que tem como fim auxiliar a pessoa a desenvolver seu projeto de vida (LEVENFUS, 2016). Este trabalho já possui diversas nomenclaturas, a mais conhecida era Orientação Vocacional, a qual possuía outro perfil de atuação. Acreditava-se que cada pessoa nascia com uma vocação determinada que deveria ser identificada e investida. Contudo, hoje, principalmente com os estudos de Bohoslavsky (2007),

grande teórico argentino no desenvolvimento da OPC, entende-se que cada sujeito possui liberdade de escolha para construir seu próprio plano/projeto de vida, não sendo este determinado e rígido, mas flexível, atualizado e projetivo. Por esse fundamento, a OPC pode ser realizada em diferentes fases da vida humana.

A OPC pode ser realizada com jovens e adolescentes que estão finalizando o ensino médio e adentrando no mercado de formação e trabalho. Essa prática é nomeada como Orientação Profissional e de Carreira de primeira escolha. Para adultos e jovens adultos que estão buscando mudança de profissão ou desejo de crescimento no mercado de trabalho existe a Orientação de Carreira, que visa dar suporte à construção, crescimento e/ou mudança profissional, impulsionando a criatividade e avaliando novos recursos de formação e aprimoramento. Por último, com adultos em fases mais avançadas do desenvolvimento, temos a Orientação para o Envelhecer (ASSUNÇÃO, OLIVEIRA, 2016), que é a preparação do sujeito para a saída do ambiente do trabalho e a realização de novas atividades que não sejam, necessariamente, de serviço e remuneração. Portanto, mesmo com diferentes fases de vida e com propósitos específicos, essas três categorias trabalham o desenvolvimento de projetos de vida por meio da realização de escolhas dentro de seu contexto, ou seja, de suas liberdades e limites (RIBEIRO; MELO-SILVA, 2011; LEVENFUS, 2016).

Deste modo, a OPC, no enfoque de auxiliar a pessoa na construção de seus projetos de vida e autonomia, é suporte na formação do sujeito enquanto cidadão (SAVICKAS, 2017). Isso porque ele é impulsionado a desenvolver o seu pensar e refletir sobre a realidade, a se conhecer para poder agir e atuar no mundo exercendo sua liberdade de escolha com responsabilidade. Essa atuação condiz com a formação cidadã. Assim, a OPC de primeira escolha pode ser um bom recurso para auxiliar na demanda de educação à cidadania (LAMAS; PEREIRA; BARBOSA, 2008). Ela pode aproximar o ensino com a prática e preparar o adolescente na sua saída do ensino médio para o mercado de formação e trabalho (VERIGUINE; BASSO; SOARES, 2014). Essa prática enfoca na aprendizagem de escolha, promove interesse sobre o conhecimento social (para a coleta de informações do eu e do mundo), tem a potencialidade de desenvolver interações grupais com a aprendizagem do trabalho coletivo, investe em habilidade e aptidões do indivíduo em responder por suas opções, além de também promover a compreensão de temporalidade por meio do projeto de vida (BARBOSA; LAMAS, 2012). Deste modo, ela aproxima o jovem da realidade do mercado de trabalho (YOUNG, 2007).

Mandelli, Lisboa e Soares (2011) afirmam que grande parte das escolas não trabalham a temática de informação e orientação profissional, apesar de muitas dizerem realizar este tipo de ação. Atualmente, com a lei 13.415/2017, da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), é dada às escolas espaço para a construção de um projeto de OPC. Essa inserção atenderia as competências de trabalho e projeto de vida, e ainda, a responsabilidade e a cidadania com suas respectivas habilidades previstas pela lei. Entretanto, o que não se sabe é acerca do conhecimento das escolas sobre o tema do projeto de vida por meio da OPC.

Carvalho e Marinho-Araújo (2010) apontam que, no Brasil, o foco da OPC está voltado para o atendimento de jovens no ensino médio e, em suma, ela é realizada por psicólogos. Contudo, ela tem ficado secundária nos objetivos da escola pela existência de vastas demandas emergenciais. Melo-Silva (2004) ressalta, ainda, que a falta de equipes interdisciplinares nas escolas dificulta a realização de uma prática integrada que promova saúde e qualidade de ensino. Logo, a OPC acaba sendo tratada como desligada, independente dos processos de ensino-aprendizagem, não sendo inserida verdadeiramente aos objetivos da escola (UVALDO et al., 2012).

Partindo da compreensão sobre a atuação da OPC, a presente dissertação apresenta uma pesquisa realizada com professores de duas escolas públicas, versando sobre o que estes conhecem e entendem sobre a Orientação Profissional e de Carreira. Em seguida, são apresentados os resultados de um processo de OPC remoto realizado com adolescentes nas escolas. Por fim, é apresentado o produto educacional desta pesquisa que consiste em um protocolo de OPC de primeira escolha com adolescente para o ensino médio para uso de profissionais da educação básica.

## 1.1 REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. J. G.; LAMAS, K. C. A. A orientação profissional como atividade transversal ao currículo escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 461 – 468, 2012.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 13.145, de 16 de fevereiro de 2017. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CARVALHO, T. O.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 219-228, 2010.

CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M. Inserção dos jovens no Mercado de Trabalho em tempos de crise. In.: **Mercado de Trabalho: conjunturas e análise**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Ministério do Trabalho. Brasília: Ipea, 2020.

CRESTANI, R. A. Modelo de Orientação Profissional na escola privada. In.: LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 64-78.

FERNANDES, M. B. (2013). A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia. In.: Zanella, R.. **A clínica Gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2013, p. 31-58.

LAMAS, K. C. A.; PEREIRA, S. M.; BARBOSA, A. J. G. Orientação profissional na escola: uma pesquisa com intervenção. **Psicologia em Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 60-68, jun. 2008.

LEVENFUS, R. S. **Orientação Profissional e de Carreira em Contextos Clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

MACHADO, F. **É possível: Se reinventar e integrar vida pessoal e profissional**. São Paulo: Benvirá, 2018.

MANDELLI, M. T.; LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 63, p. 49-57, 2011.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 31-52, dez. 2004.

RIBEIRO, M. A.; MELO-SILVA, L. L. **Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira**. São Paulo: Vetor, 2011.

SAVICKAS, M. L. **Manual de aconselhamento em projeto de vida: Life-Design**. São Paulo: Vetor, 2017.

SPACCAQUERCHE, M. E. Orientação profissional online: uma experiência em processo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-74, jun. 2005.

UVALDO, M. C. C. et al. Síntese das discussões e propostas do Grupo de Trabalho: Interfaces entre a orientação profissional, educação e psicologia escolar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 125-128, jun. 2012.

VERIGUINE, N. R.; BASSO, C.; SOARES, D. H. P. Juventude e Perspectivas de Futuro: A Orientação Profissional no Programa Primeiro Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 4, 2014.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 101, pp. 1287-1302, 2007.

## **2. A VISÃO DOS PROFESSORES DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA DE PRIMEIRA ESCOLHA**

### **Resumo**

O presente artigo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa exploratória por meio da pesquisa de campo. Este trabalho foi realizado com professores de duas escolas de ensino médio, sendo uma pública estadual e uma pública federal. Seu objetivo esteve em compreender a visão e o conhecimento de professores da educação básica quanto ao trabalho da Orientação Profissional e de Carreira (OPC). Realizou-se a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas com 20 professores participantes. O questionário verificou se estes professores viam a demanda do trabalho da OPC com seus alunos e se eles conheciam a OPC ou se viam a orientação profissional pelo viés da Orientação Vocacional. Foi investigado se esses professores tinham conhecimento sobre a possibilidade de atuarem como orientadores de seus alunos e se teriam interesse em agregar essa atuação em seu trabalho. Os dados quantitativos coletados foram analisados por meio da frequência e os dados qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo segundo Bardin. Ao todo foram desenvolvidos quatro pares de categorias que possibilitaram compreender a amostra a partir de: como identificavam a demanda da OPC com seus alunos; o que entendiam ser Orientação Vocacional; o que entendiam ser OPC; quais profissionais entendiam que poderiam trabalhar com OPC. Este artigo fornece conhecimentos sobre como está a realidade da OPC nas escolas e quais as possibilidades de intervenção deste serviço.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional e de Carreira; Professores de Ensino Médio; Análise de Bardin.

### **Abstract**

The present article consists on a research with an exploratory qualitative approach through field research. This work was developed with teachers from two high schools, one state public and one federal public. Its objective was to understand the vision and knowledge of basic education teachers regarding the work of Professional and Career Guidance (PCG). A questionnaire with open and closed questions was carried out with 20 participating teachers. The questionnaire verified if these teachers realized the demand for the work of the PCG with their students and if they knew the PCG or if they saw the professional orientation through the bias of Vocational Guidance. It was investigated whether these teachers were aware of the possibility of acting as mentors for their students and whether they would be interested in adding this role to their work. The quantitative data collected were analyzed using frequency and qualitative data were analyzed using content analysis according to Bardin. Altogether, four pairs of categories were developed that made it possible to understand the sample based on: how they identified the demand for PCG with their students; what they understood to be Vocational Guidance; what they understood to be PCG; which professionals they understood that could work with PCG. This article provides knowledge about the reality of PCG in schools and what are the possibilities of intervention of this service.

**Keywords:** Professional and Career Guidance; High school teachers; Bardin analysis.

## 2.1 Introdução

Com as mudanças de um ensino formal tradicional para um modelo ativo, as escolas têm vivenciado o desafio de integrar o ensino com a prática. Segundo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) as competências para o ensino têm se ampliado, bem como as competências e habilidades a serem desenvolvidas na escola. Nestas atualizações, a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) atende essas novas demandas.

A OPC tem como fim ajudar o indivíduo a entrar em contato com seu contexto, levantar questões problematizando as possibilidades, filtrar o todo, criando critérios, e por último se autorregular para exercer a sua escolha de forma consciente. O objetivo da OPC está em auxiliar processualmente a pessoa a realizar escolhas conscientes e autônomas a partir do amplo conhecimento de si e do mundo, a fim de construir sua identidade profissional e alcançar resultados positivos e de bem-estar social (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001; LUCCHIARI, 1992).

OPC é o termo mais atual para se referir a esta prática. Anteriormente ela era conhecida por Orientação Vocacional (OV) e entendia que cada pessoa nascia com uma vocação, com habilidades prontas, para serem identificadas e assim direcionar a inserção de cada pessoa no mercado de trabalho de modo mais assertivo. Carvalho e Marinho-Araújo (2010) compartilham que esta prática estava fundamentada na psicometria e ganhou grande força no Brasil na década de 1920, por meio dos institutos de Psicologia Aplicada. Sua busca estava em colocar o homem certo no lugar certo.

A aprovação da Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) atribuiu a inserção do orientador educacional nas escolas e com ele a entrada da Orientação Profissional (OP) nas instituições de ensino. Ainda com um perfil psicométrico, neste período, a OP ganhou força na atuação por psicólogos e pedagogos. Mas apenas em 1962 a Psicologia se valida como profissão no Brasil por meio da regulamentação do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Deste modo, a área clínica começou a ganhar força e recebeu diferentes influências teóricas em sua atuação.

Bohoslavsky (2007), psicólogo argentino, começou a desenvolver uma compreensão da OP a partir do autoconhecimento, não mais pela vocação e aptidão, mas pela autopercepção e superação de conflitos psíquicos. Seus estudos trouxeram avanços e crescimento na aplicação e atuação da OP no Brasil. Neste período, meados de 1960, iniciou-se a mudança da nomenclatura de Orientação Vocacional (OV) para Orientação Profissional (OP). Entendia-se que a escolha profissional não partia apenas de vocações e habilidades, bem como não se referia apenas a uma escolha ocupacional, mas também de desejos e de sentido de vida.

Em 1970, a pesquisadora Margarida de Carvalho, da Universidade de São Paulo, ampliou os estudos na área com a inserção do trabalho da OP em grupo (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Ela defendia que a dinâmica grupal auxiliava na ampliação do conhecimento de si, bem como das informações ocupacionais e do mercado de trabalho. Esse ambiente de troca se fortalecia ainda mais na área clínica com a atividade em grupo. A partir de 1980, os estudos de OP ganharam grande expansão teórica.

Recentemente, novos estudos já têm apresentado o termo OPC como o mais atualizado, por incluir não apenas o processo de escolha profissional, mas também o projeto de vida como constitutivo da carreira (RIBEIRO, 2020). Atualmente tem-se a prática da OPC em diferentes ambientes (clínicas, escolas, empresas, indústrias), bem como para diferentes públicos (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos). Contudo, no Brasil, a OPC ainda tem priorizado uma atuação clínica, com adolescentes e por psicólogos (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Com as mudanças na escola e nas diretrizes de ensino-aprendizagem, a OPC pode contribuir com a formação de mais jovens, isso porque ela promove um desenvolvimento consciente, cidadão e maduro. Para isso, é preciso que ela saia do monopólio elitizado da clínica brasileira. A lei 13.415/2017 da BNCC (BRASIL, 2017) prevê que as escolas podem construir itinerários formativos que correspondam a 40% do currículo escolar. Esses itinerários podem ser desenvolvidos por áreas do conhecimento atendendo a competências e habilidades que sejam demandas específicas de cada instituição de ensino.

A OPC pode ser um projeto escolar dentro destes itinerários formativos. Ela atenderia as competências de trabalho e projeto de vida, com as habilidades de responsabilidade e cidadania previstas pela lei. Contudo, percebe-se que há uma resistência das escolas na inserção deste modelo de atividade, como mostram Melo-Silva et al. (2004, p. 42) “com tantos problemas escolares, em um cenário de ausência de equipe interdisciplinar, a atividade de Orientação Profissional, que é relevante em termos de promoção da saúde e educação de qualidade, acaba recebendo tratamento secundário”.

Young (2007) mostra também que existe uma limitação no papel que a escola tem assumido de ser unicamente transmissora de conhecimento. Ele justifica que, com esse parâmetro, ela perde o aluno como ser ativo no seu processo de aprendizagem e apto a fazer escolhas. Para tanto, a escola deveria deixar de ser um mercado e se tornar um lugar de igualdade social. Neste aspecto, é preciso que a escola busque ferramentas, atividades, técnicas

que promovam formação integral e social de seus alunos. Young (2007, p. 1299) ainda aponta que:

o currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países têm escolas.

Sendo assim, a OPC é um processo que dá suporte às escolas nessas demandas e contribui na assimilação entre ensino formal e mercado de trabalho. A grande questão da OPC está na compreensão de que uma profissão não se refere apenas a uma atividade, mas a um complexo de questões que influenciam a vida do sujeito dentro de uma totalidade. Como exemplo, é importante que a pessoa verifique os ambientes, as rotinas, os objetos e os conteúdos de trabalho que ele se identifica, bem como os retornos que ele deseja ter com a sua ocupação. É relevante verificar também as condições financeiras que anseia e as possibilidades de formação para cada ocupação/profissão. Bohoslavsky (2007), retratando essa complexidade, diz que a escolha profissional não se refere apenas a uma carreira, mas a um “como”, um “para quê”, um “onde” viverá e se desenvolverá.

Compreendendo todos estes aspectos históricos da OPC no Brasil surgem-se as seguintes perguntas: qual é a visão dos professores quanto à temática da OPC? Eles têm trabalhado essa demanda? Eles acham necessário inserir este modelo de trabalho em suas escolas? Tais perguntas motivaram a presente pesquisa a compreender a realidade das escolas de ensino médio e verificar se há espaço e possibilidades para inserir este trabalho nas instituições de ensino.

## **2.2 Material e métodos**

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (número CAAE: 40276620.9.0000.0036). Se enquadra em um modelo de pesquisa de abordagem qualitativa exploratória por meio da pesquisa de campo (PIANA, 2009; YIN, 2001).

Sua finalidade está em compreender como as escolas goianas de ensino médio e os

professores entendem o trabalho da OPC. Este trabalho foi desenvolvido em duas escolas de ensino médio coparticipantes da pesquisa, ambas situadas no estado de Goiás, públicas e de tempo integral, sendo uma estadual e outra federal com Ensino Médio integrado ao Técnico. Para participar da pesquisa, as escolas assinaram o Termo Anuência de Instituição Coparticipante (APÊNDICE A).

Devido ao estado pandêmico da COVID-19 no ano de realização da pesquisa (abril a junho de 2021), os pesquisadores desenvolveram um vídeo apresentando o projeto a fim de convidar os professores das instituições coparticipantes a responderem a um questionário (APÊNDICE B) em formato virtual. Esse vídeo de recrutamento foi veiculado nos grupos de *WhatsApp* das escolas participantes e junto com ele foi enviado o link para o questionário pelo *Google Forms*<sup>1</sup>.

Para iniciar a colaboração com o preenchimento do questionário o professor deveria ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE C) e confirmar ciência da participação, dos riscos, dos benefícios e que ele representava o público-alvo da pesquisa (maior de 18 anos, qualquer sexo, gênero, raça/etnia, orientação sexual e identidade de gênero, com formação superior e que atuasse como docente em uma das instituições coparticipantes). O questionário (APÊNDICE A) continha perguntas abertas e fechadas, contemplando a formação dos professores, sexo, faixa etária, tempo de experiência, disciplinas que ministravam e informações acerca da OPC, tais como: sua compreensão sobre o tema, se percebe alguma demanda de seus alunos em relação a escolha profissional, se já realizou alguma atividade relacionada a OPC na escola coparticipante e se tinha interesse em atuar na área com seus alunos.

No total, 20 professores participaram da pesquisa, dos quais 12 eram do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano – Campus Trindade). Esta escola está localizada no município de Trindade/GO e é uma instituição pública federal de educação superior, básica e profissional. Segundo o Inep (2020), o município de Trindade tem 17 escolas de ensino médio, que corresponde a 332 docentes nessa fase de ensino. Essas escolas atendem a um total de 5433 alunos matriculados no ensino médio no qual 407 alunos correspondem formação em instituições federais.

Oito professores participantes da pesquisa eram do colégio Centro de Ensino em Período

---

1 Aplicativo do Google que permite que usuários criem questionários e formulários de registro para coletar informações de pessoas que aceitam acessar o link e responder o questionário/formulário.

Integral Luis Perillo (CEPI Luis Perillo). Essa escola está localizada no município de Goiânia/GO e é uma instituição pública estadual de educação básica. Segundo o Inep (2020), o município de Goiânia tem 159 escolas de ensino médio, que correspondiam a 2837 docentes nessa fase de ensino. Essas escolas atendem a um total de 49630 alunos matriculados no ensino médio, no qual 1169 alunos correspondem à formação em instituições federais.

Os professores participantes da pesquisa correspondiam a uma amostra variada de gênero, idade, tempo de atuação e áreas de atuação em ensino. A amostragem utilizada foi não probabilística por conveniência (OLIVEIRA, 2001). Os dados das duas escolas foram analisados e apresentados em conjunto. Para os dados quantitativos, foram calculados a frequência absoluta, a frequência relativa ou a média e desvio padrão. Quanto aos dados qualitativos, foi realizada a análise de conteúdo segundo Bardin (2011).

Os dados coletados foram submetidos a uma pré-análise por meio de uma leitura fluente, identificando semelhanças e relações entre os conteúdos. Em seguida, os dados que apresentavam relação foram agrupados construindo categorias de análise. Após essa categorização fez-se a análise dos dados por meio de inferências e interpretações conforme o contexto da pesquisa e as referências literárias (MENDES, 2017).

No levantamento para identificação dos participantes, a fim de manter o sigilo de dados, foram utilizados códigos, simbolizados por uma letra e um numeral. Utilizou-se a letra P para professor e a sequência numérica 1 a 20. De P1 a P8 estão identificados os professores da escola estadual e de P9 a P20 os professores da escola federal.

### 2.3 Resultados e discussão

Dos professores participantes, 30% (n=6) foram do sexo masculino e 70% (n=14) do sexo feminino. A faixa etária participante se apresentava maior que 18 anos tendo sua principal frequência, 60% (n=12), entre 26 e 45 anos, como indica a tabela 1.

**Tabela 1: Categorização da idade dos professores participantes da pesquisa (n=20).**

Idade (anos)	n (frequência)	Percentual %
18 a 25	1	5
Entre 26 e 35	6	30
Entre 36 e 45	6	30
46 ou mais	7	35

Total	20	100
-------	----	-----

Dentre os participantes, 40% (n=8) correspondiam ao colégio estadual e 60% (n=12) correspondiam ao colégio federal. Conforme a tabela 2, viu-se que houve um equilíbrio entre o tempo de experiência docente dos professores participantes da pesquisa.

**Tabela 2: Categorização do tempo de experiência docente dos participantes da pesquisa (n=20).**

Tempo de experiência docente	n (frequência)	Percentual %
Menos de 5 anos	5	25
Entre 5 e 10 anos	5	25
Entre 11 e 20 anos	5	25
21 ou mais anos	5	25
Total	20	100

Os professores participantes da pesquisa têm formação em áreas diversas, com prevalência para Ciências da Natureza e suas tecnologias e Linguagem, códigos e suas tecnologias, conforme a tabela 3. Observa-se que a amostra se caracteriza como diversa quanto ao sexo, idade, tempo de experiência docente e áreas de formação.

**Tabela 3: Categorização das áreas de formação dos professores participantes da pesquisa (n=20).**

Área de formação	n (frequência)	Percentual %
Matemática e suas tecnologias	1	5
Ciências humanas e suas tecnologias	3	15
Ciências da natureza e suas tecnologias	8	40
Linguagem, códigos e suas tecnologias	8	40
Total	20	100

Quando questionados se esses professores já tiveram algum aluno solicitando ajuda em sua escolha profissional, 75% (n=15) dos participantes disseram que sim, enquanto 25% (n=5) disseram que não. Esta informação revela que não apenas os professores são fonte de segurança para esses alunos recorrerem, como também esses alunos demonstram uma demanda de ajuda e orientação para a realização dessa escolha (BORGES, 2017). Aos serem questionados se viam a necessidade de realização da OPC com seus alunos, 90% (n=18) dos professores afirmaram ver essa necessidade e os demais, 10% (n=2), afirmaram não ver essa necessidade.

Essa perspectiva confirma o que a literatura apresenta sobre a adolescência: uma fase do desenvolvimento em que o jovem está num período de redimensionamento de sua identidade (SCHOEN-FERREIRA et al., 2010; CALLIGARIS, 2011; ERIKSON, 1997). É esperado que o adolescente realize sua escolha profissional e construa seu projeto de vida, mas isso não significa que ele necessariamente está preparado para essa transição (LILIENTHAL, 2013; FERNANDES, 2013). Por isso a vivência da crise, a tentativa de se inserir em grupos onde o jovem se sinta pertencente para que possa desenvolver sua identidade e construir afinidades que auxiliarão suas futuras escolhas (DANTAS, 2017). Os professores são procurados pelos alunos e veem a necessidade destes serem submetidos a um processo de OPC, o que indica que o adolescente vivencia angústias e dúvidas.

Os professores que disseram ver a necessidade de realização da OPC com seus alunos foram direcionados a responder de forma descritiva o que o faziam ver essa necessidade. Entre as respostas compartilhadas, duas categorias puderam ser identificadas. A primeira categoria composta por professores que viam a dificuldade do adolescente em fazer escolhas e a segunda categoria composta por professores que viam a importância da OPC para a realização pessoal.

A primeira categoria foi formada por respostas que compreendiam que o adolescente necessitava ser submetido a um processo de OPC por se encontrar com muitas dúvidas, angústias e vivenciar um estado emocional como perdido e sem perspectivas. Nessas respostas havia centralmente a ênfase de como era difícil para os adolescentes fazerem escolhas. Algumas expressões chaves eram: “angústia”, “desafio”, “não sabem para onde ir”, “indecisão”, “pouca experiência” e 77,77% (n=14) da amostra se enquadraram nessa categoria. A resposta do professor P15 (da escola federal, sexo masculino, acima de 45 anos, 21 anos ou mais de experiência docente, formado em administração e docente de disciplina de empreendedorismo no ensino médio) apresenta essa perspectiva quando diz que:

Pelas dúvidas e comentários que os alunos fazem em sala de aula. Não é um grande número, mas sempre aparecem aqueles que manifestam muitas dúvidas em relação a profissão a seguir e são alunos que estão no momento da escolha da profissão. Muitos escolhem pela influência dos pais (já ouvi muito).

Filomeno (1997) aponta como realmente existe uma influência familiar no desenvolvimento do adolescente, principalmente na realização de sua escolha profissional. Ela destaca que o jovem, no seu processo de diferenciação dessa família e descobrimento do mundo passa por conflitos que precisam ser identificados, compreendidos e integrados em sua formação pessoal. Calligaris (2011) aponta que esses conflitos vividos são expressos por meio de comportamentos que revelem seu estado de angústia. São estes comportamentos que foram destacados por essa categoria de professores. Suas respostas continham expressões como: “quem tem dúvida”, “perdido”, “indeciso”, “dificuldade em identificar afinidades”, “sem perspectiva”.

As outras 22,25% (n=4) das respostas dos professores apontaram que viam a necessidade de realização da OPC com seus alunos, por acreditarem na importância de uma realização pessoal. O foco dessas respostas não estava no comportamento, no estado emocional ou na procura dos adolescentes por ajuda, mas sim na importância de serem satisfeitos em suas vidas futuras. As respostas dessa categoria estiveram carregadas de expressões e compreensões de que a OPC deve agir como “salvadora” do processo vivido pelos adolescentes.

A resposta do professor P16 (da escola federal, sexo masculino, acima de 45 anos, 21 anos ou mais de experiência docente, formado em geografia e docente de disciplinas de geografia no ensino médio) apresenta essa perspectiva quando diz que a necessidade do adolescente ser submetido a um processo de OPC deve ser “Encontrar satisfação nas atividades da vida”. Segundo ele, esse é o segredo para viver bem. “Pessoas que encontram nas suas atividades laborais o prazer, felicidade, satisfação, reconhecimento pessoal são mais alegres, vivem melhor, conseguem dar significado a sua vida pessoal e profissional”.

É certo que a OPC tem o compromisso de ajudar a pessoa a construir seu projeto de vida. Por meio do conhecimento de si, seja por meio de testes psicométricos ou de encontros dinâmicos e ativos, ela tem a finalidade de ajudar a pessoa a encontrar caminhos que corroborem com seus desejos e interesses. Entretanto, este trabalho não é sinônimo de total realização. Mesmo se submetendo a um processo de OPC, o adolescente vivenciará em seu futuro desafios e conflitos. Isso porque escolhas não trazem garantias de resultados, elas

revelam novas possibilidades de escolhas (SARTRE, 2014; COX, 2007).

O importante da OPC está em ajudar a pessoa a aprender a escolher, a avaliar o contexto e não dar a ela uma resposta única e definitiva para a sua realização de vida. Como seres sociais, o ser humano é dinâmico, a todo momento ele deve fazer escolhas e considerar possibilidades (FEIJOO; MAGNAM, 2012). Para tanto, é preciso desnaturalizar e combater essas ideias recorrentes de que existe ou existirá uma resposta única para a vida. Entender que a Psicologia e a ciência trarão respostas que acabarão com o sofrimento humano por completo e libertará todos da angústia é um equívoco. Este não é o papel nem da Ciência, nem da Psicologia e nem da OPC.

Essas respostas denotam uma percepção do ser humano segundo o trabalho anteriormente desenvolvido pela OV. Encontrar as habilidades e vocações pessoais e assim direcionar a pessoa para o caminho que a pertence é um resquício da OV. Logo, por compreender que historicamente existe uma diferenciação entre a OV e a OPC, o questionário aplicado aos professores buscou verificar se os participantes já ouviram falar de algumas dessas orientações, e caso conhecessem, que descrevessem de forma livre o que entendiam sobre cada uma delas.

Do total de participantes, 95% (n=19) disseram já ter ouvido falar de OV e 5% (n=1) disseram nunca ter ouvido falar. Já da OPC, 30% (n=6) disseram já ter ouvido falar, enquanto 70% (n=14) afirmaram nunca ter ouvido falar. Observa-se como o termo OV é propagado na sociedade de tal forma que menos da metade da amostra nunca nem ouviu falar no termo OPC. Isso mostra como a OPC ainda se encontra num espaço de construção e formação. Enquanto em meados da década de 1920 a OV já era conhecida, inserida nas escolas e indústrias, a transição desta para a clínica, depois o seu retorno para a escola sobre um novo formato destaca sua baixa “popularidade” (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Portanto, se fez necessário verificar o que estes professores compreendiam sobre cada uma dessas atuações.

Nas respostas abertas sobre o que entendiam ser OV duas categorias foram identificadas: compreensão da OV como um processo de orientação e direcionamento da pessoa e a compreensão da OV como um conjunto de características a ser identificada no indivíduo. A primeira categoria correspondeu a 94,73% (n=18) da amostra. As respostas apresentavam que a OV só poderia ocorrer a partir da identificação de habilidades, vocações e aptidões de cada sujeito. Foi característica na resposta destes professores a ideia de que cada pessoa nasce com vocações e aptidões pré-definidas para sua realização. Em suas respostas havia expressões como: “vocação”, “aptidão”, “dom”, “certeza”, “perfil”, “características específicas”,

“características evidentes”, “talento”, que revelam uma visão de destino.

A resposta do participante P7 (da escola estadual, sexo feminino, entre 36 e 45 anos de idade e entre 6 e 10 anos de experiência docente, formada em letras e docente de disciplina de espanhol e língua portuguesa) representa essa categoria quando responde que a OV seria o trabalho de “Orientar alguém quanto a sua atividade a ser desenvolvida na vida profissional, a vocação envolve o talento da pessoa, é preciso entender o que ele gosta e onde ele tem mais facilidade”.

Estas respostas apresentam o ser humano com um viés determinista. Até meados da década de 1910, era comum encontrar teorias que defendiam o homem como um ser naturalista, um ser pré-determinado, com impulsos e com um futuro certo. Essa visão era muito fortalecida pelo poder do teocentrismo e da igreja católica (ANTUNES, 2007; MENDONÇA, 2013). Contudo, com a ascensão de novas correntes filosóficas como o existencialismo, o humanismo e a fenomenologia, essa visão foi superada pela compreensão do ser humano como um ser social, um ser que se constitui socialmente, que se desenvolve a partir das condições do meio e das identificações singulares com essa realidade.

Acreditar que o ser humano possui dons e talentos natos e que estes devem ser identificados e investidos para que ele alcance sua realização pessoal é retirar dele seus potenciais de escolha e sua condição adaptativa de aprendizagem e formação. É claro que cada pessoa possui habilidades que são desenvolvidas, confirmadas e aprimoradas socialmente, contudo, estas não são capazes de serem determinantes em seu projeto de vida (FEIJOO; MAGNAN, 2012).

Apenas um participante, P1 (da escola estadual, sexo feminino, entre 25 e 35 anos de idade e entre 11 e 20 anos de experiência docente, formada em educação física e docente de educação física no ensino médio), que corresponde a 5,26% (n=1) da amostra, apresentou uma resposta que se diferenciava dos demais, correspondendo à segunda categoria. Sua resposta apresentava a ideia de que cada pessoa possui características únicas e que a OV seria esse conjunto de características. Ela respondeu que entendia que a Orientação Vocacional “são características evidentes no aluno-estudante que podem indicar algumas profissões onde o mesmo pode ser mais bem-sucedido e com carreiras que o estudante se sinta completo e feliz”. Apesar de sua resposta partir de uma caracterização da pessoa e não de um trabalho que atenda a pessoa, ele apresentou características semelhantes a respostas dos outros professores, de que com essas características identificadas o sujeito poderá fazer escolhas que lhe tragam sucesso e

felicidade, como se estes resultados fossem certos e determinados.

Por outro lado, apenas 30% (n=6) dos participantes responderam o que entendiam ser a OPC. Nessas respostas abertas duas categorias puderam ser identificadas: a OPC como um auxílio na escolha profissional e a OPC como contribuinte na formação total do ser. A primeira categoria que agrupa essas respostas corresponde a 66,6% (n=4) da amostra e apresenta a compreensão da Orientação Profissional e de Carreira segundo um auxílio à escolha profissional. Essas respostas se centralizaram na ideia de que a OPC ajudará a pessoa a realizar sua escolha profissional focando em sua carreira e profissão apenas. A participante P7 (da escola estadual, sexo feminino, entre 36 e 45 anos de idade e entre 6 e 10 anos de experiência docente, formada em letras e docente de disciplina de espanhol e língua portuguesa) representa este grupo ao responder que a OPC é “Uma orientação para a área profissional em que a pessoa possui maior habilidade”.

É certo que um dos pontos chave da OPC está em contribuir no processo de escolha profissional, mas sabe-se que essa atuação amplia outros aspectos da vida humana como projetos de vida. Como dizem Soares e Lisboa (2018, p. 23), a OPC deve trabalhar com “O autoconhecimento e o projeto de futuro dos alunos; a informação profissional; o trabalho como constituinte da identidade adulta; os sentidos e significados do trabalho; o trabalho num sistema econômico, tal como se constitui e realiza.”.

A OPC atua no processo de escolha profissional, contudo, como afirmam Soares e Lisboa (2018), o seu objetivo não é apenas este. A OPC também tem o papel de desenvolver a totalidade do ser. Esses aspectos que tangem a totalidade de formação do sujeito, que estão para além de sua escolha laboral, são percebidos por 33,33% (n=2) dos participantes. Eles incluem em seu entendimento sobre a área a compreensão de que a OPC pode também aprimorar talentos, auxiliar o sujeito em seus projetos financeiros e ainda se preparar para eventos cotidianos, que farão parte da sua rotina profissional. Percebe-se essas características da segunda categoria na resposta do participante P8 – participante do colégio estadual, sexo feminino, acima de 46 anos de idade, com 21 anos ou mais de experiência docente, formada em química e engenharia química, docente da disciplina de química no ensino médio – que diz que a OPC deve “ajudar a pessoa a aprofundar no seu talento e monetizar a partir dele.”.

A procura por uma formação totalitária do ser é essencial para um processo de OPC contextualizado. Essa atuação se caracteriza como uma prática que busca: a liberdade de escolha, estratégias de adaptação, foco na pessoa, individualização da vida, a carreira como

construção e a capacitação de escolhas e transições (RIBEIRO, 2020). Por esse viés, Assunção e Oliveira (2016) destacam que a OPC possui cinco etapas. Elas nomearam essas etapas como a “Estrela da Orientação Profissional”. As cinco etapas são: quem sou eu?, o que eu quero?, o que eu posso?, qual a influência da minha família e da sociedade?, qual meu conhecimento da realidade?. Cada uma dessas etapas tem como fim auxiliar a pessoa no seu processo de escolha por meio do autoconhecimento de si e do mundo em que está inserido.

O processo de OPC não é determinante e rígido, mas flexível, atualizado e projetivo. Sua função está em identificar o que o sujeito é, o que ele anseia e o que é preciso para alcançar esses desejos. Compreender esses pontos auxilia na realização das escolhas e dá respaldo a elas. Portanto, a OPC é um projeto amplo em que a escolha profissional é apenas parte da totalidade. Escolher uma profissão reflete as influências sociais que o sujeito vivencia, as ambições que apresenta, seus planos futuros, a compreensão que tem sobre si mesmo, as resistências e preconceitos que carrega (LUNA, 2017). Savickas (2017) corrobora com essa percepção com o desenvolvimento do método de orientação de *life-design* em que ele afirma ser importante sensibilizar o jovem a pensar o seu futuro por meio do projeto de vida, para que compreenda sua totalidade enquanto ser no mundo.

A pesquisa investigou, ainda, quais seriam os profissionais que estes professores entendiam poder realizar/aplicar o processo de OPC com adolescentes no Ensino Médio. Essas respostas foram agrupadas em três categorias: formação superior (agrupando as profissões citadas que exijam o título de ensino superior), formação na temática/experiência profissional (agrupando as respostas que citavam tanto profissões que exigem o título de ensino superior como as respostas que consideravam a prática por meio de uma formação completar ou experiência), e não sabe. Essas categorias tiveram as proporções conforme a tabela 4.

**Tabela 4:** Categorização dos profissionais que podem realizar/aplicar o processo de OPC para adolescentes no Ensino Médio segundo a resposta dos professores participantes da pesquisa (n=20).

<b>Categorias dos profissionais que podem realizar/aplicar o processo de OPC para adolescentes no Ensino Médio</b>	<b>n (frequência)</b>	<b>Percentual %</b>
Categoria 1 - Formação Superior	11	55
Categoria 2 - Formação da	8	40

temática/Experiência Profissional		
Categoria 3 - Não sabe	1	5
Total	20	100

Para organização das categorias, as respostas abertas foram reunidas a partir de palavras chaves que indicassem apenas formação superior, alguma formação específica ou não saber responder. Assim, a categoria 1 contemplou respostas como: “psicólogos”, “pedagogos”, “terapeutas”, “profissionais da educação”. A categoria 2 contemplou respostas como: “qualquer profissional com formação na área”, “professores que tenham intimidade com os alunos”, “multiprofissionais”, “docentes como experiência profissional”. A categoria 3 contemplou a resposta “não saberia dizer”.

Observa-se que a maior parte das respostas, 55% (n=11), considera que é preciso ter formação em ensino superior para poder atuar como orientador profissional. Nesta categoria, a resposta que apareceu com maior frequência foi a profissão do psicólogo, estando presente em 100% (n=11) desta categoria. Apenas 40% (n=8) dos participantes ponderaram que pessoas com experiência e formação complementar para essa prática podem trabalhar como orientadores profissionais, tendo formação superior ou não, e 5% (n=1) disseram não saber quais profissões poderiam realizar essa atuação.

Percebe-se como o desconhecimento sobre a OPC traz disparidades de respostas. Soares e Lisboa (2018) esclarecem que a OV é atividade exclusiva do psicólogo, segundo o Conselho Federal de Psicologia, por poder incluir o uso de testes psicológicos, que estão autorizadas para uso apenas da profissão psicólogo. Contudo, reconhecida pela Associação Internacional de orientação Escolar e Profissional (IAEVG/Aiosp), a OPC é realizada por um viés multidisciplinar. Qualquer profissional interessado pela temática, instruído e capacitado, pode atuar como orientador profissional. Aqui pode-se incluir a prática por professores em ambiente escolar (SOARES, LISBOA, 2018). Esta atuação por amplos profissionais é confirmada pela divulgação de informações sobre a OPC por meio de uma cartilha desenvolvida pela Associação Brasileira de Orientação Profissional em parceria com o Conselho Federal de Psicologia (ABOP, 2019).

Esse conhecimento motivou a verificação se estes educadores viam a necessidade de que os professores realizassem a OPC com seus alunos no ensino médio. 80% (n=16) dos participantes disseram que sim e 20% (n=4) disseram que não. Observa-se, assim, que existe

uma demanda percebida pelos professores para auxiliarem seus alunos quanto a escolha profissional e construção de projeto de vida. Contudo, será que estes professores teriam interesse nessa atuação?

O questionário investigou, ainda, se os professores tinham interesse em realizar a OPC com seus alunos no ensino médio. As respostas mostraram que 63,15% (n=12) disseram ter interesse em realizar essa prática com seus alunos, enquanto 36,84% (n=7) não tinham interesse. Os dados confirmam as informações apresentadas por Muller, Schimidt e Soares (2009). Os autores afirmam que as escolas públicas vivem uma realidade desafiadora. Isso porque existe uma falta de professores e conseqüentemente uma sobrecarga de tarefas e demandas a serem realizadas por cada um. Há uma carência na estrutura material e física, salários são defasados e muitas vezes com pagamento em atraso, o que dificulta a motivação e o interesse pelo aprimoramento e ampliação da atuação dos professores.

As instituições de ensino ainda vivem um conflito sobre suas finalidades. Soares e Lisboa (2018) apresentam que o objetivo da escola deve ser possibilitar o desenvolvimento afetivo-cognitivo de seus alunos. Mas em meio a tantas demandas sociais, políticas, e a precarização de suas condições, elas acabam fornecendo atividades superficiais sobre a temática, e a OPC acaba sendo deixada para segundo plano.

Observa-se essa superficialidade e falta de contato com um exercício atualizado da OPC quando 80% (n=18) dos professores nunca receberam alguma informação sobre a temática da OPC nas escolas em que atuam, e 10% (n=2) disseram já ter tido informações sobre a temática. 70% (n=14) disseram, ainda, que nunca viram a escola em que atuam oferecerem alguma atividade sobre OPC para os seus alunos, enquanto 30% (n=6) disseram que já viram a Orientação ser abordada com os estudantes.

De todo modo, observa-se que a OPC não é, de modo geral, desenvolvida, divulgada e compartilhada com professores e nem com alunos. A escola deixa professores e alunos à mercê de uma prática construtiva e formativa para ambos. Apesar de a BNCC (BRASIL, 2017) ressaltar que as escolas devem trabalhar as competências sobre trabalho e projeto de vida, bem como responsabilidade e cidadania, ao que tudo indica os professores não estão a par de como a OPC pode ser um instrumento de auxílio para o desenvolvimento destas habilidades.

O governo estadual de Goiás desenvolveu uma apostila intitulada “Projeto de Vida” (GOIÁS, 2020). Essa apostila apresenta material prático para os alunos e manual com orientações para os professores e trabalha fundamentalmente nas competências levantadas pela

BNCC para o ensino médio. A presente pesquisa demonstra que, mesmo com as normas da BNCC, e mesmo com o desenvolvimento do material pedagógico pelo governo estadual, estes professores ainda desconhecem a prática da OPC em sua totalidade.

Apesar de estes professores demonstrarem perceber a demanda sobre a OPC para seus alunos e identificarem serem consultados nessa temática, poucos educadores disseram ter acesso ao conhecimento e atuação da OPC. 95% (n=19) dos participantes afirmaram ter interesse em conhecer o processo de OPC e 5% (n=1) não demonstraram interesse. Logo, percebe-se que existe espaço para o desenvolvimento de um trabalho de OPC em conjunto com as escolas dando suporte para o amadurecimento dos adolescentes, bem como auxiliando estes professores em uma atuação mais próxima da realidade destes jovens. Sendo assim, concordamos com Carvalho e Marinho-Araújo (2010), que se faz necessário ampliar a estratégia de trabalho com as políticas públicas, juntamente à secretaria municipal e estadual de educação para a ampliação dessa prática.

#### **2.4 Considerações finais**

Em termos gerais, a presente pesquisa revela que existe uma demanda percebida pelas pelos professores de acolhimento e suporte a esses adolescentes para sua saída do Ensino Médio. Os professores demonstraram ter interesse para contribuírem no atendimento dessa demanda e para obterem conhecimento sobre a OPC.

Entende-se que a Orientação Profissional e de Carreira não foca apenas na escolha profissional, mas no desenvolvimento e reconhecimento de competências. Ela conscientiza a respeito da formação de carreira que tem início nas fases iniciais da vida e integra com o projeto de vida pessoal. Esse papel revela a importância de conscientizar os professores sobre o enfoque no desenvolvimento do jovem quanto ao reconhecimento de competências e também de uma escolha profissional contextualizada. É preciso fortalecer o vínculo entre o trabalho da OPC com as instituições de ensino. Isso pode ser feito através da promoção de programas de formação de orientadores profissionais que alcancem os professores da educação básica.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento e implementação de trabalhos na temática de educação para carreira também são espaços inóspitos e que podem ser ampliados no território brasileiro. Além disso, é necessária a ampliação de estudos, formações e práticas na temática da OPC para todos os educadores.

## 2.5 Referências

- ABOP. **Você sabe o que é orientação profissional? Oriente-se!** Maceió: 2019. (Cartilha informativa)
- ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre a constituição.** São Paulo: Educ, 2007.
- ASSUNÇÃO, G. S.; OLIVEIRA, P. J. **Curso de formação em Orientação Profissional.** Goiânia, 2016. (Apostila não publicada)
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BORGES, R. C. Juventudes: sentidos do trabalho e o processo de escolha profissional. In.: **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores.** São Paulo: Summus, 2017.
- BRASIL. Casa Civil. Lei nº 13.145, de 16 de fevereiro de 2017. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.** Brasília: MEC, 1971.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2011.
- CARVALHO, T. O.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 219-228, dez. 2010.
- COX, G. **Compreender Sartre.** Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DANTAS, M. A. **Contribuições de “Conversas do Elpídio” para a escolha profissional.** In.: XIII Congresso Brasileiro de Orientação Profissional e de Carreira. Minicurso. Campinas, 2017.
- ERIKSON, E. H. **The life cycle completed: a review.** New York: Norton & Company, 1997.
- FEIJOO, A. M. L. C.; MAGNAN, V. C. Análise de escolha profissional: uma proposta fenomenológico existencial. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, n. 2, p. 356-373, 2012.
- FERNANDES, M. B. A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia. In.: Zanella, R. **A clínica Gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais.** São Paulo: Summus, 2013, p. 31-58.
- FILOMENO, K. **Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica.** São Paulo: Vetor, 1997.

GOIÁS. **Projeto de vida**. Goiânia: 2020. (Apostila de divulgação nas escolas públicas)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 25.06.2021.

LILIENTHAL, L. Elementos para a prática da orientação profissional na abordagem gestáltica. In.: Zanella, R. **A clínica Gestáltica com adolescentes**: caminhos clínicos e institucionais. São Paulo: Summus, 2013, p. 105-124.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1992.

LUNA, I. N. “Lanterna dos afogados”: identidade profissional como fator de proteção em desenvolvimento de carreira. In.: **Orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2017. p. 87-112.

MELO-SILVA, L. L.; JACQUEMIN, A. **Intervenção em orientação vocacional/profissional**: avaliando resultados e processos. São Paulo: Vetor, 2001.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 31-52, dez. 2004.

MENDES, R. M., Miskulin, R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**. v. 47, n. 165, jul-set. 2017

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In.: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013, p. 76-98.

MULLER, T. P.; SCHIMIDT, J.; SOARES, D. H. P. Serviço de orientação profissional do Liop/UFSC à comunidade: traçando novos caminhos. **Extensivo**, v. 6, p. 37-54, 2009.

OLIVEIRA, T. M. V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e cotas. **Revista Administração Online**, v. 2, n. 3, jul/ago/set. 2001.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RIBEIRO, M. A. Trabalho e orientação profissional e de carreira em tempos de pandemia: reflexões para o futuro. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Campinas, v. 21, n. 1, p. 1-5, jun. 2020.

SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAVICKAS, M. L. **Manual de aconselhamento em projeto de vida: Life-Design**. São Paulo: Vetor Editora, 2017.

SCHOEN-FERREIRA, T. H; AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. In.: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, abr.-jun. 2010.

SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. S. As diferentes abordagens em orientação profissional. In.: **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2018, p. 17-38

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 101, pp. 1287-1302, 2007.

### **3. ANÁLISE SOBRE UMA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA REMOTA EM AMBIENTE ESCOLAR**

#### **Resumo**

O presente artigo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa exploratória por meio da pesquisa de campo. Este trabalho foi realizado com alunos de duas escolas de ensino médio, sendo uma pública estadual e uma pública federal. Seu objetivo esteve em aprimorar um protocolo de OPC através da aplicação com grupos de adolescentes nas escolas de ensino médio coparticipantes. Após cada encontro do protocolo aplicado os alunos participantes responderam a um questionário em escala Likert. O formulário verificava se estes compreendiam as atividades propostas, se sentiam-se motivados a participar e se percebiam que o trabalho contribuiu em suas reflexões sobre sua escolha profissional. Mediante a aplicação e análise dos resultados fez-se a validação do protocolo. Os dados coletados por este questionário foram analisados por meio da frequência permitindo verificar se o objetivo de cada encontro foi alcançado e como foi vivenciado pelos participantes. O resultado desta análise possibilitou a validação do protocolo e a compreensão de que o mesmo contribuiu na formação e do desenvolvimento dos participantes.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional e de Carreira; Alunos de Ensino Médio

#### **Abstract**

The present study consists on a research with an exploratory qualitative approach through field research. It was developed with students from two high schools, one state public and one federal public. Its objective was to improve a professional and Career Guidance (PCG) protocol through the application with groups of teenagers in the co-participating high schools. After each meeting which the protocol was applied, the participating students answered a questionnaire on a Likert scale. Its objective was to verify if they understood the proposed activities, if they felt motivated to participate and if they perceived that the work contributed to their reflections on their professional choice. Through the application and analysis of the results, the protocol was validated. The data collected by this method were analyzed through frequency, allowing to verify if the objective of each meeting was achieved and how it was experienced by the participants. The result of this analysis allowed the validation of the protocol and the understanding that it contributed to the training and development of the participants.

**Keywords:** Professional and Career Guidance; High School Students.

### **3.1 Introdução**

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pelo estado pandêmico da COVID-19. A pandemia fez um chamado para atualização de diferentes áreas de formação, entre elas a educação. A escola precisou aprender a se posicionar como um espaço formativo. Ela teve de sair do seu padrão rígido de atuação e recorrer a processos criativos de adaptação e transformação. Aulas online, remotas, síncronas, assíncronas, materiais digitais, foram algumas de suas grandes adaptações. Segundo Young (2007), o aluno era acostumado a receber o ensino dentro do espaço físico da escola. Com a pandemia, este passou a ser convocado a um estudo individual, ativo e de busca pessoal pelo próprio crescimento.

Segundo Ribeiro (2020), a pandemia colocou em xeque muitas coisas, entre elas o projeto de vida e os projetos de trabalho. A pandemia expressou, ainda, as incertezas sobre o futuro. Nesse contexto, o jovem adolescente, que já vivencia um momento de transição no seu desenvolvimento, foi exposto a uma nova circunstância para adaptação.

Crestani (2016) afirma que existe um nível de imaturidade muito alto entre os jovens que estão entrando no ensino médio. Segundo ela, essa imaturidade diz respeito ao não desenvolvimento emocional saudável no que se refere o processo de escolher. São jovens inaptos a lidarem com frustrações e com abdições no processo de escolher. Essa imaturidade provoca atrasos em expectativas sociais, como a realização da opção profissional, a inserção no ensino superior e no mercado de trabalho. No geral, são jovens despreparados para desafios que demandam decisão e atitude. Entretanto, é válido questionar se nossa sociedade possui uma maturidade emocional bem desenvolvida, isso porque, não apenas os jovens se viram despreparados para o reflexo da pandemia, mas a sociedade como um todo.

Neste contexto, a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) se apresenta como aliada para que esses jovens desenvolvam maturidade e consigam ultrapassar os desafios aos quais foram expostos. Isso porque a OPC não trabalha apenas a realização de escolha, mas também promove o desenvolvimento de habilidades básicas como consciência, responsabilidade, independência e comunicação para a formação da pessoa. O papel da Orientação Profissional e de Carreira está em uma ampliação da visão da pessoa sobre a sua vida e os seus projetos, não para encontrar respostas prontas para sua realização, mas para saber ver amplamente o contexto e fazer suas escolhas conscientemente.

A OPC, além de trabalhar a escolha profissional e o desenvolvimento de habilidades, se apresenta como um trabalho profilático. Isso porque ela trabalha com o desenvolvimento do pensar (reflexão), com a percepção do si mesmo e do contexto, bem como da escolha das

próprias ações. Ensinar e auxiliar jovens nesse processo de escolha se torna preventivo na construção de seus projetos de vida (LUNA, 2017). Todos esses pontos tangem a formação de sujeitos ativos para o exercício da cidadania. Cidadãos com esse nível de consciência podem se ver mais preparados para os desafios de uma crise. Para isso, é preciso que estes jovens desenvolvam projetos de vida.

Projeto de vida é a capacidade projetiva da pessoa de construir um propósito de vida a partir de sua experiência concreta e observações reflexivas, gerando realizações abstratas e possíveis experimentações ativas de seu planejamento (SAVICKAS, 2017). Sendo assim, é o exercício dinâmico de compreender o lugar que estou, bem como suas tensões e realizações, conhecer as habilidades que possuo, gerar intenção de projetos e assim alcançar a extensão destes por meio da autorrealização. O projeto de vida orientado se torna, então, um exercício preventivo na formação dos jovens cidadãos, isso porque acolher, compreender e autorregular a partir de crises é necessário para o desenvolvimento do ser humano (PERLS, 2012).

Assim, a escolha profissional é um conjunto de possibilidades que trazem o sujeito para próximo de si mesmo e de sua totalidade. É um movimento de compreensão do todo, analisando suas influências familiares, traumas e conflitos para integrá-los e gerar disposição para a ação e para o futuro, ou seja, é uma projeção que se faz sobre si mesmo (FILOMENO, 1997). Logo, dentro de uma distância temporal e de um planejamento, identificar esses pontos permite auxiliar o sujeito na construção de seu projeto de vida.

Para esse objetivo, a Orientação Profissional e de Carreira (OPC), em geral, pode ser exercida em diferentes lugares: escolas, clínicas, empresas. Ela pode acontecer individualmente e em grupos, e cada orientador é livre para desenvolver seu próprio percurso e plano de ação, utilizando testes psicológicos, técnicas de dinâmica grupais, entrevistas, questionários e inventários. Assim, independentemente de como o orientador organizará suas sessões, é certo que ele deve focar na pessoa que escolhe, em sua singularidade, em suas influências e, desse modo, dar suporte para que ele realize uma escolha consciente e dentro de uma visão ampla de si mesmo e da realidade em que se encontra (FILOMENO, 1997).

Lilienthal (2013) afirma que a OPC possui duas formas de atuação: a psicométrica e a psicodinâmica. Segundo o autor, a abordagem psicométrica se fundamenta em uma atuação rígida e centrada no agrupamento de resultados de testes psicológicos que permitam a definição do perfil do cliente. Por outro lado, a abordagem psicodinâmica centra-se em um atendimento psicoterapêutico breve focal em que o cliente permanece como centro de todo o processo,

podendo trabalhar diferentes conteúdos que apareçam, mas que sejam associados a escolha profissional. Na abordagem psicométrica o cliente deve, ao final, saber seu perfil profissional, enquanto na abordagem psicodinâmica o cliente encontra-se apto para fazer suas escolhas sem um perfil fechado, mas com uma clareza e consciência ampliada sobre si mesmo e suas necessidades.

Lilienthal (2013) destaca, ainda, a relevância de compreendermos que, no processo de OPC psicodinâmico, não há o dever de que o cliente faça sua escolha profissional. Às vezes ele pode ampliar seu conhecimento e avaliar que ainda não está preparado para fazer esta escolha. Contudo, como seria possível a realização de um processo de OPC, ferramenta que dá suporte aos jovens no processo de realização de suas escolhas e suporte em seus desenvolvimentos pessoais, juntamente ao momento pandêmico, com distanciamento social, restrição de contato e necessidade de ajustamento de serviços?

Ribeiro (2020) aponta que a pandemia trouxe a possibilidade de ampliação da OPC como estratégia de transformação social. Ele diz que é preciso recriar o normal e ampliar a oferta da Orientação de modo contextualizado e dialógico. Em 2005, Spaccherche apresentou o desenvolvimento de um trabalho de OPC via internet. Ela demonstrou a existência da demanda do trabalho online, os desafios da construção do programa, bem como os enquadres necessários para o desenvolvimento de uma Orientação Profissional e de Carreira online. Logo, seria possível desenvolver um programa de OPC remota com adolescentes em uma pandemia?

Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo desenvolver, aplicar e validar um protocolo de Orientação Profissional e de Carreira de Primeira Escolha com adolescentes no ensino médio e que fosse realizada remotamente. Os pesquisadores construíram um protocolo de OPC e o aplicaram com adolescentes em duas escolas de ensino médio.

## **3.2 Material e métodos**

### **3.2.1 Questões éticas**

A presente pesquisa se enquadra em uma abordagem qualitativa exploratória por meio da pesquisa de campo (PIANA, 2009; YIN, 2001). Esta foi aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (número CAAE: 40276620.9.0000.0036). A amostragem utilizada foi não probabilística, por conveniência (OLIVEIRA, 2001). Os dados das duas escolas foram analisados e apresentados em conjunto.

Sua finalidade está em validar e aprimorar um protocolo de OPC de primeira escolha com

adolescentes no ensino médio. Este trabalho foi desenvolvido com a participação de jovens de duas escolas de Ensino Médio, ambas situadas no estado de Goiás, públicas e de tempo integral, sendo uma estadual e outra federal com nível técnico. Para participar da pesquisa, as escolas assinaram o Termo Anuência de Instituição Coparticipante (APÊNDICE A).

Devido ao estado pandêmico da COVID-19, toda a pesquisa foi realizada remotamente. Para aplicação e validação do protocolo de OPC foi necessária a formação de grupos operativos em cada escola participante. Para o recrutamento de voluntários para este grupo, os pesquisadores desenvolveram um vídeo apresentando o projeto a fim de convidar os alunos das instituições coparticipantes a responderem um formulário (APÊNDICE F) de interesse para participarem do processo de Orientação Profissional e de Carreira. O vídeo de recrutamento foi veiculado nos grupos de WhatsApp e a escola montou os grupos operativos. Os alunos que se interessaram em participar da pesquisa preencheram um formulário de interesse pelo Google Forms<sup>2</sup>.

Os dados coletados neste formulário foram: nome, contato de WhatsApp, ano em que estavam cursando e idade. Com estes dados foi possível filtrar aqueles que se enquadravam no público-alvo da pesquisa: adolescentes entre 15 e 18 anos, que estivessem cursando o terceiro ano do Ensino Médio e que não tivessem participado de um processo de OPC.

### **3.2.2 Sujeitos da pesquisa**

Os alunos que preencheram ao formulário foram contactados sobre o funcionamento do grupo operativo, para avaliar se tinham disponibilidade de participar nos horários propostos. Neste primeiro contato, foi feita a solicitação da assinatura dos termos para participação na pesquisa. Os alunos maiores de idade voluntários da pesquisa e os responsáveis dos alunos menores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE D), e os alunos voluntários menores de idade assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – APÊNDICE E). Estes documentos confirmavam a ciência da colaboração, a justificativa da pesquisa, os riscos, os benefícios, o acompanhamento e assistência, bem como a indenização e ressarcimento por possíveis danos na participação. Os TCLEs e TALEs foram assinados digitalmente por meio da plataforma *Autentique*<sup>3</sup>.

---

2 Aplicativo do Google que permite que usuários criem questionários e formulários de registro para coletar informações de pessoas que aceitam acessar o link e responder o questionário/formulário.

3 Plataforma de assinatura de documentos de forma digital.

### 3.2.3 Protocolo de OPC

Nestas condições, a pesquisa foi desenvolvida com dois grupos operativos de alunos voluntários do ensino médio. O grupo da escola estadual iniciou-se com a participação de oito alunos e concluiu com cinco. O grupo da escola federal iniciou-se com nove estudantes e concluiu com seis. Os encontros foram realizados pelo *Google Meet*<sup>4</sup>, totalizando 16 encontros, sendo oito com cada grupo. As reuniões consistiam em atividades norteadoras de reflexões. Cada assembleia ocorreu em seis etapas: acolhimento (como tinham passado a semana e como estavam se sentindo para iniciar o encontro), realização da atividade proposta, compartilhamento dos resultados, reflexão, preenchimento do formulário de avaliação e fechamento. Deste modo, o preenchimento do formulário foi realizado pelo *Google Forms* e consistiu em um formulário de cinco afirmações com resposta em escala Likert (concordo totalmente, concordo, não concordo e nem discordo, discordo, discordo totalmente). O objetivo destes dados foi verificar se a OPC contribuiu na demanda destes alunos, se entenderam a finalidade da atividade proposta e se a linguagem das atividades realizadas era acessível e compreensível pelos participantes.

Os dados coletados pelo formulário foram analisados por meio do cálculo percentual das respostas. Estes dados foram confirmados e discutidos mediante as observações, falas e a vivência dos pesquisadores e participantes ao longo da pesquisa.

### 3.3 Resultados e discussão

A partir das respostas dos alunos ao formulário em escala Likert observou-se que as escolas proporcionalmente apresentaram o mesmo padrão de respostas. Pode-se verificar também que a variação das respostas à escala acontecia seguindo uma mudança processual, a cada dois encontros a frequência das respostas demonstrava alteração. Analisando essas informações, optou-se por realizar a apresentação e discussão dos dados das escolas conjuntamente, visto que não houve prejuízos na análise e nenhuma omissão de informações. Por esse motivo, a amostra apresentada nos gráficos dará sempre superior a quantidade total de participantes por encontro, visto que as informações serão analisadas conjuntamente.

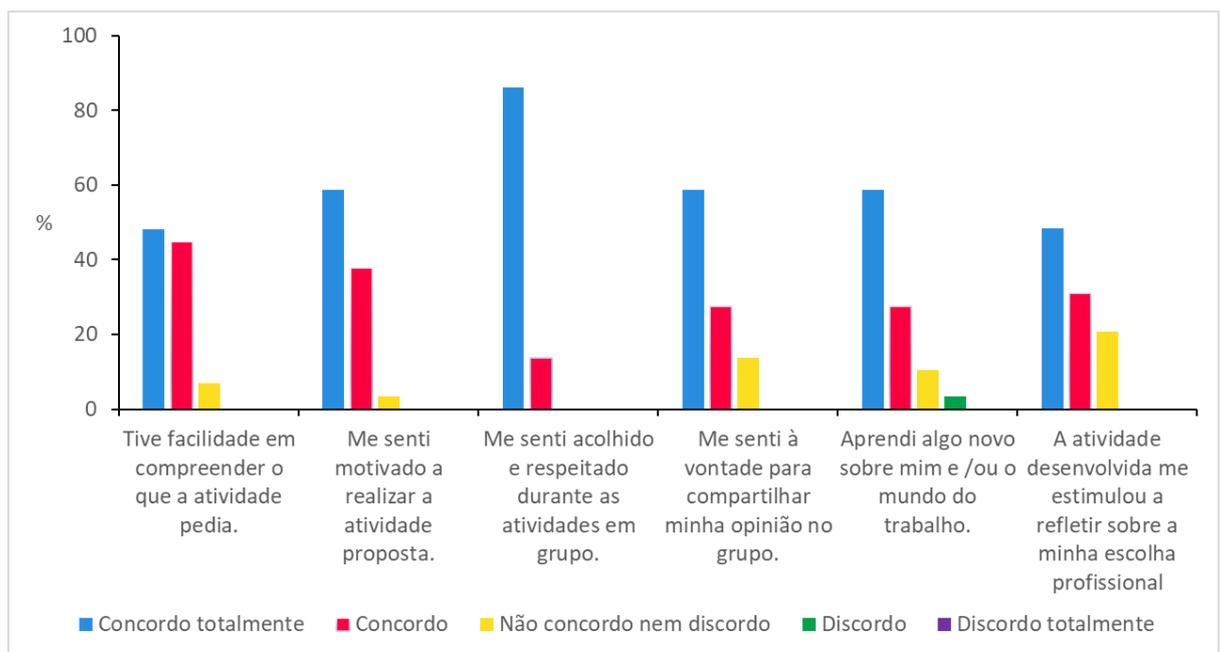
O formulário em escala Likert se estruturou em seis afirmações das quais o aluno deveria responder qual o seu nível de afinidade com a mesma. Sua resposta poderia variar em cinco níveis: concordo totalmente, concordo, não concordo e nem discordo, discordo, e discordo

---

4 Plataforma de realização de videoconferência.

totalmente. Para essa resposta, seis características foram avaliadas. Primeiro, se o aluno teve facilidade para compreender o que a atividade pedia. Segundo, se o aluno se sentia motivado para realizar a atividade proposta. Terceiro, se o aluno se sentia respeitado e acolhido durante as atividades em grupo. Quarto, se o aluno se sentia a vontade para compartilhar sua opinião no grupo. Quinto, se o aluno considerava ter aprendido algo novo sobre si e/ou o mundo do trabalho. E por último, sexto, se o aluno sentia que a atividade desenvolvida o estimulou a refletir sobre sua escolha profissional.

Cada encontro do protocolo de OPC desenvolvido pelos pesquisadores apresentava um objetivo central. Esses objetivos seguiam um desenvolvimento processual para desenvolver a finalidade da OPC, que é o desenvolvimento de projeto de vida. Os encontros um e dois apresentavam o desenvolvimento de atividades na temática de autoconhecimento. Em especial, o encontro um compunha a formação do grupo por meio da realização do acolhimento, apresentação do projeto e construção dos acordos e compromissos para a participação no processo de orientação. Ao final dos dois encontros, obtiveram-se os seguintes resultados apresentados pela figura 1.



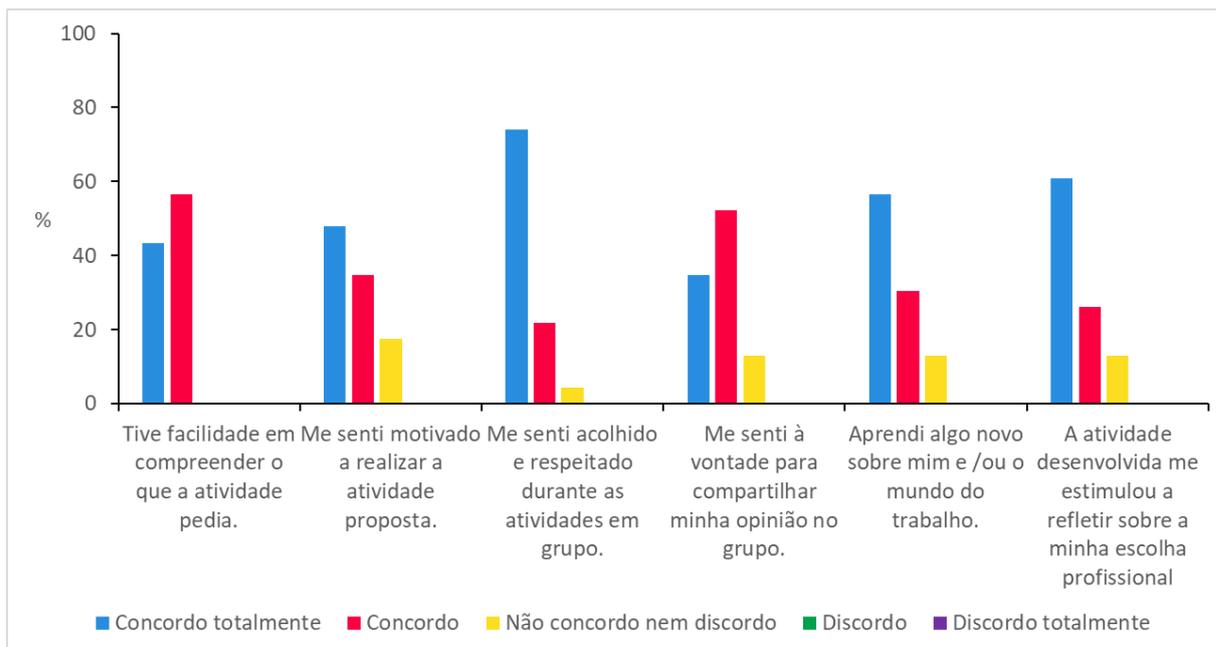
**Figura 1:** Porcentagem de resposta dos alunos (n=29), das duas escolas coparticipantes, ao formulário de escala Likert correspondente aos encontros um e dois do protocolo de Orientação Profissional e de Carreira.

Nos encontros um e dois observa-se que a maioria dos alunos fizeram avaliações positivas (concordo totalmente e concordo) sobre sua vivência no processo de OPC. No que diz respeito ao estado emocional, ou seja, a avaliação da motivação, do acolhimento e do conforto, de sentir-se à vontade, todos os alunos tiveram avaliações positivas quanto ao acolhimento, mas ainda tiveram alguns que demonstraram ainda não se sentirem motivados e à vontade na participação dos encontros ao responderem que nem concordavam e nem discordavam das afirmações.

É importante observar que a linguagem utilizada e a atividade proposta tiveram acessibilidade, pois não houve respostas negativas (discordo e discordo totalmente) quanto à compreensão do desenvolvimento que fora proposto nos encontros. Quando Lisboa (2017) diz da importância de se atentar para realidade em que a OPC é inserida deve-se a ter a característica não apenas de técnicas, cultura e possibilidades, mas também a comunicação que é desenvolvida, qual a linguagem, os recursos e os parâmetros utilizados para cada tarefa e se eles alcançam a comunidade que está sendo atendida. Nestes dois encontros, pode-se observar que esse compromisso foi alcançado.

Por se tratar de encontros com a temática de autoconhecimento, é compreensível ter uma distribuição de respostas, mesmo que ainda positivas, sobre o desenvolvimento de reflexões sobre a escolha profissional. A temática do autoconhecimento é fundamental para o desenvolvimento de escolhas profissionais, mesmo que ponderações quanto a mesma ainda não sejam discutidas nos primeiros encontros.

Em seguida, no desenvolvimento da OPC, os encontros três e quatro trataram a temática familiar. A compreensão sobre a própria história de vida, as origens, influências e heranças familiares são pontos centrais das atividades desenvolvidas nesta etapa da OPC. A Figura 2 apresenta como foi a vivência dos alunos na participação destes encontros.



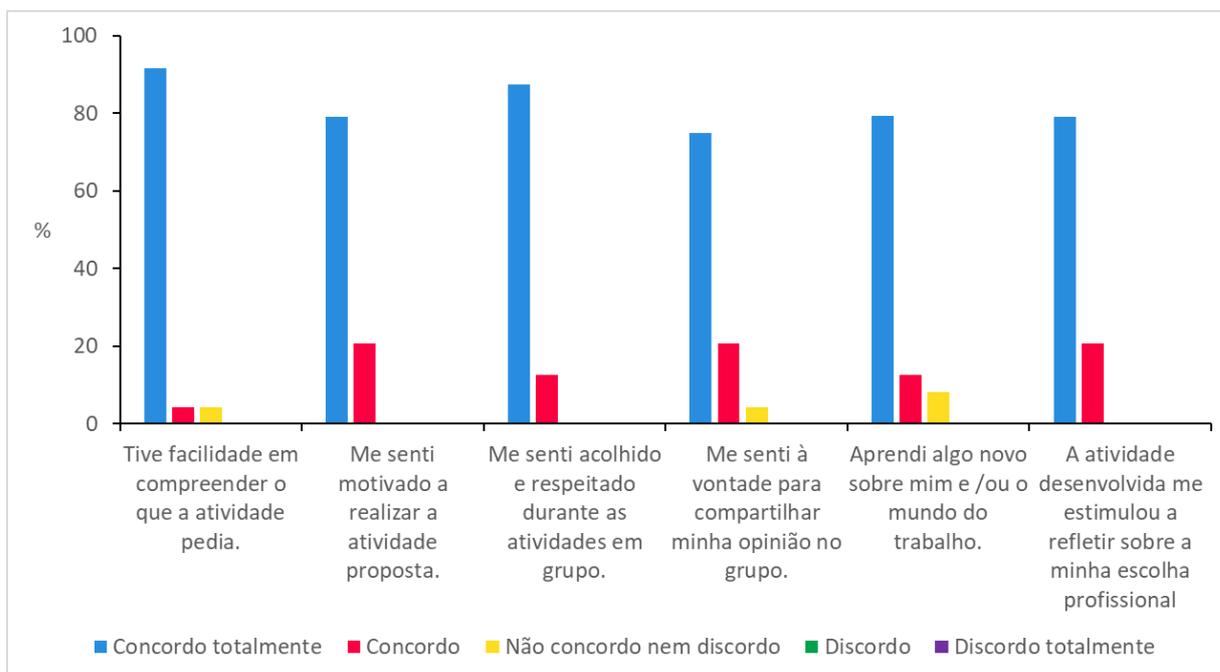
**Figura 2:** Porcentagem de resposta dos alunos (n=29), das duas escolas coparticipantes, ao formulário de escala Likert correspondente aos encontros três e quatro do protocolo de Orientação Profissional e de Carreira.

Os encontros três e quatro não apresentaram, em nenhuma avaliação, respostas negativas (discordo e discordo totalmente). Pode-se observar também que, na avaliação quanto a compreensão, não há nenhuma resposta neutra (nem concordo e nem discordo). É possível ponderar que pela temática mais pessoal, de autoavaliação da história de vida e do funcionamento familiar os alunos possam ter sentido maior autonomia na realização da atividade, gerando menores dúvidas e incompreensões. Por outro lado, é possível declarar que, apesar de terem tido apenas respostas positivas, houve maior frequência na avaliação “concordo”, ou seja, não eram afirmações absolutas. Pode-se inferir que, nessa avaliação de compreensão, o fato de obter uma frequência de resposta não totalmente afirmativa deve dar-se pelo fato de o grupo estar ainda em seu período inicial, desenvolvendo, assim, sua coesão e confiança. As avaliações quanto a motivação, o acolhimento e o conforto em participar do grupo e das atividades podem validar esta análise, tendo em vista que as respostas, mesmo que positivas, ainda se encontram variáveis em grau de afirmação.

Quando a avaliação do desenvolvimento de reflexões sobre a escolha profissional tem uma crescente nas respostas afirmativas, principalmente em “concordo totalmente”, essa crescente é reflexo do próprio objetivo das atividades desenvolvidas. O olhar para a família e

suas origens reverbera um olhar também para a renda, o trabalho e a condição dessa família de origem (FILOMENO,1997). É desenvolvida uma consciência quanto às crenças e influências familiares e como o trabalho é vivenciado por esse sistema familiar. Deste modo, a temática da escolha profissional ganha foco e começa a ser instigada e pensada por cada aluno. Tocar nessa esfera emocional e vivencial pode ser o precursor para o aumento nas respostas positivas quanto a temática do pensar sobre a escolha profissional.

Após o despertar para a família e suas influências, o protocolo de OPC desenvolvido propõe trabalhar o conhecimento sobre as profissões e o mercado de trabalho. O olhar se volta para o mundo e as possibilidades existentes. Esse objetivo é desenvolvido nos encontros cinco e seis, do qual a experiência dos alunos é apresentada na figura 3.



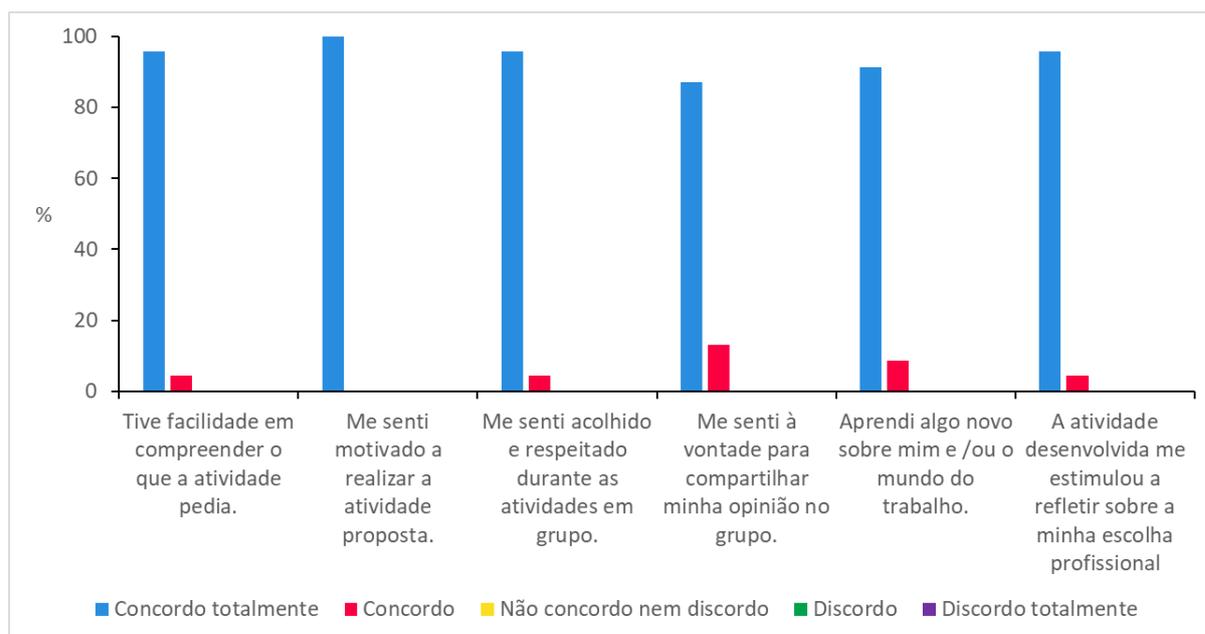
**Figura 3:** Porcentagem de resposta dos alunos (n=24), das duas escolas coparticipantes, ao formulário de escala Likert correspondente aos encontros cinco e seis do protocolo de Orientação Profissional e de Carreira.

A Figura 3 demonstra uma crescente nas respostas positivas (concordo e concordo totalmente) em todas as avaliações pelos alunos. Isso demonstra que, com o desenvolvimento dos encontros, os alunos têm maior adesão, engajamento e ampliação da consciência quanto às temáticas trabalhadas. Há uma afinidade pelo trabalho em desenvolvimento de tal forma que compreendem as atividades, se sentem motivados, acolhidos e confortáveis e se percebem mais

sensibilizados quanto a própria escolha profissional.

Estes dois encontros tiveram como diferencial a mudança de foco, que até então estava direcionada no próprio aluno e neste momento passa a focar no mundo do trabalho. Esses encontros são permeados por informações, dúvidas, discussões econômicas e de possibilidades de escolhas. Talvez, esse choque de informações, dados e reflexões sobre algo que para alguns possa ser novo justifique maior número de respostas neutras (nem concordo e nem discordo) quando a avaliação sobre terem aprendido algo novo sobre o mundo do trabalho. Entende-se que cada aluno deve ter um momento de maturação sobre aquilo que ele é exposto. A aprendizagem não é momentânea, ela é estimulada e depois articulada com outros conhecimentos já aderidos pela pessoa. Como a resposta ao formulário ocorria ao final de cada encontro, é possível que alguns alunos não tenham tido ainda esse tempo de maturação e, por isso, tiveram variação quanto ao grau das respostas positivas.

Na finalização do processo de OPC, o objetivo do trabalho está na construção do projeto de vida pessoal e na sensibilização para a realização de escolhas que se adequem a esse projeto. A Figura 4 apresenta os dados coletados dos alunos quanto a sua autoavaliação da vivência nos encontros sete e oito.



**Figura 4:** Porcentagem de resposta dos alunos (n=23), das duas escolas coparticipantes, ao formulário de escala Likert correspondente aos encontros sete e oito do protocolo de Orientação Profissional e de Carreira.

A Figura 4 mostra como o engajamento dos alunos foi consideravelmente desenvolvido. Em nenhuma das avaliações dos dois últimos encontros foram apresentadas respostas neutras (não concordo e nem discordo) e nem respostas negativas (discordo e discordo totalmente). Todas as respostas foram positivas, com maior concentração em “concordo totalmente”. Apesar de haver um pequeno percentual de respostas positivas como “concordo”, os dados apresentam ser uma variação mínima e que dizem respeito à experiência pessoal de cada aluno.

Pode-se inferir que o processo como um todo alcançou resultados satisfatórios. Apesar de haver uma variação no total de participantes do início do processo ao final, entre daqueles que participaram dos encontros evidencia-se uma avaliação positiva sobre a vivência da OPC. Observa-se que, com o desenvolvimento e evolução do trabalho da Orientação Profissional e de Carreira, os alunos foram se sentindo mais motivados, envolvidos e com contribuições das atividades desenvolvidas gerando um resultado satisfatório.

Para tanto, observa-se que o projeto desenvolvido foi avaliado positivamente pelos alunos. Isso demonstra que o protocolo de trabalho utilizado alcança os objetivos propostos pela OPC de sensibilização, consciência e construção de projeto de vida. Deste modo, três pontos devem ser destacados que apresentem a qualidade deste trabalho.

Primeiramente, é importante observar que este trabalho foi desenvolvido dentro de parâmetros pré-estabelecidos. Bohoslavsky (1977) discute que, antes de se dar início a qualquer intervenção em Orientação Profissional e de Carreira, é preciso esclarecer com os participantes sobre o tempo e o lugar do projeto bem como os papéis e os objetivos de cada encontro. Como recurso na primeira reunião, observa-se que esse esclarecimento foi oferecido e gradativamente os alunos foram se comprometendo, envolvendo e dando abertura para a experiência de participar de um processo de OPC.

O segundo ponto diz respeito à adaptação do trabalho para a forma remota. Mesmo que inicialmente a proposta tenha sido a atuação no contraturno presencialmente nas escolas coparticipantes, a adaptação para a atividade remota, em decorrência do período pandêmico da COVID-19, se fez possível a partir de ajustes que respeitaram os limites desse trabalho. Spaccaquerche (2005) apresenta que os principais desafios da OPC remota são a linguagem, a motivação e a sintonia entre o conteúdo e a forma de intervenção. A compreensão destes pontos fez com que o trabalho da orientação fosse pensado em detalhes, desde o acolhimento e desenvolvimento das atividades, até a forma de fechamento de cada encontro. Considerando serem esses os principais desafios o formulário de avaliação também foi desenvolvido a fim de

verificar se estes pontos foram bem aplicados. As respostas dos alunos ao formulário confirmam que esses desafios foram superados de tal modo que o objetivo central da OPC foi alcançado e o resultado satisfatório.

O último e terceiro ponto importante para avaliar a qualidade do trabalho desenvolvido refere-se a proposta do desenvolvimento da orientação em grupo. A OPC é um trabalho que pode ser desenvolvido individualmente, contudo, a proposta do trabalho grupal permite o atendimento de um maior número de pessoas, correspondendo ao funcionamento escolar, bem como possibilita o trabalho com dinâmicas grupais que ampliam a obtenção de informações e reflexões pelos participantes (ALBANESE, 2016). Ele promove trocas e conseqüentemente auxilia no desenvolvimento de critérios para o processo de escolhas. Além disso, o desenvolvimento do trabalho em grupo contribui para o estímulo a interação grupal que é uma característica da fase da adolescência. O sentir-se pertencente a um grupo faz parte da dinâmica desta fase do desenvolvimento (CALLIGARIS, 2011). Utilizar esta compreensão em favor do trabalho de orientação com adolescentes é um recurso que agrega motivação, interesse e participação.

### **3.4 Considerações finais**

Em termos gerais, a presente pesquisa confirma que há a possibilidade do desenvolvimento de trabalhos de OPC em escolas de ensino médio. Ela demonstra que a OPC na escola traz contribuições para o desenvolvimento dos alunos em sua preparação para a saída do ensino médio e que há engajamento dos mesmos. Os dados apresentados e discutidos demonstram, também, que a proposta de atuação da OPC, conforme protocolo desenvolvido pelos pesquisadores, atende a demanda dos alunos e permite uma construção de reflexões que sensibilizem para a escolha profissional e a construção de projetos de vida.

Apesar de os dados confirmarem que os alunos tiveram aproveitamento satisfatório da participação em um processo de OPC, esta pesquisa demonstra que esse resultado poderia também ser avaliado pela perspectiva da escola. É certo que a abertura das mesmas para serem instituições coparticipantes da pesquisa demonstrou um apoio ao projeto, mas seria importante averiguar a visão dos professores e os coordenadores quanto ao desenvolvimento dos alunos participantes. Teriam esses profissionais visto mudanças nos comportamentos dos estudantes? Teriam eles percebido algum outro efeito na configuração dos grupos e nas demandas que costumavam levar para a escola? Vemos assim a possibilidade de ampliação deste trabalho com um olhar voltado à escola em um momento posterior ao desenvolvimento da OPC.

Considerando que este trabalho colabora com o desenvolvimento da adolescência e sua preparação para o mercado de trabalho e vida futura, acreditamos que é preciso incentivar políticas públicas que disseminem o trabalho da OPC. Para isso, se faz importante o comprometimento na formação de orientadores profissionais e de carreira ampliando o suporte técnico para o exercício dessa atuação.

Ressaltamos, ainda, a relevância social de atualizações no exercício da OPC. Além de se expandirem das clínicas para as escolas, das intervenções individuais para as grupais, o movimento global convoca a expansão do presencial para o online. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento e implementação de trabalhos que formem e/ou atualizem profissionais quanto ao exercício remoto da OPC para que tenham uma atuação ética e com compromisso social.

### 3.5 Referências

ALBANESE, L. Um modelo de Orientação Profissional em grupo na escola pública. In.: LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2011. (Folha Explica). ISBN 978-85-7402-215-4.

CRESTANI, R. A. Modelo de Orientação Profissional na escola privada. In.: LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

FILOMENO, K. **Mitos familiares e escolha profissional**: uma visão sistêmica. São Paulo: Vetor, 1997.

LILIENTHAL, L. Elementos para a prática da orientação profissional na abordagem gestáltica. In.: Zanella, R. **A clínica Gestáltica com adolescentes**: caminhos clínicos e institucionais. São Paulo: Summus, 2013, p. 105-124.

LISBOA, M. D. **A formação de orientadores profissionais**: um compromisso social multiplicador. In.: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **Orientação profissional em ação** formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2017.

LUNA, I. N. “Lanterna dos afogados”: identidade profissional como fator de proteção em desenvolvimento de carreira. In.: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **Orientação profissional**

em ação formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2017.

OLIVEIRA, T. M. V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e cotas. **Revista Administração Online**, v. 2, n. 3, jul/ago/set. 2001.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RIBEIRO, M. A. Trabalho e orientação profissional e de carreira em tempos de pandemia: reflexões para o futuro. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Campinas, v. 21, n. 1, p. 1-5, jun. 2020.

SAVICKAS, M. L. **Manual de aconselhamento em projeto de vida: Life-Design**. São Paulo: Vetor, 2017.

SPACCAQUERCHE, M. E. Orientação profissional online: uma experiência em processo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-74, jun. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 101, pp. 1287-1302, 2007.

## **4. ORIENT(AÇÃO): UM MANUAL DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA PARA ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo está em apresentar o protocolo desenvolvido a partir das pesquisas realizadas pelo mestrado profissional. Será apresentado o que é o protocolo de orientação Profissional e de Carreira (OPC) que foi organizado no formato de um e-book como produto educacional do presente programa. Explicará como o protocolo foi desenvolvido e elaborado e posteriormente quais as atividades previstas por cada encontro. O presente protocolo das atividades se organiza em um formato de manual descrevendo: a estrutura de cada encontro, o objetivo de cada encontro, como funciona a realização da atividade, qual a tarefa de casa e por último quais informações são importantes para que o orientador realize a atividade com o melhor aproveitamento.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional e de Carreira; Ensino Médio; Produto Educacional.

### **Abstract**

The objective of this study is to present the protocol developed from the research carried out by the professional master's degree. The Professional and Career Guidance (PCG) protocol will be presented, which was organized in the format of an e-book as an educational product of the present program. It will explain how the protocol was developed and elaborated and later what activities are planned for each meeting. The present protocol of activities is organized in a manual format describing: the structure of each meeting, the purpose of each meeting, how the activity is carried out, what is the homework and finally what information is important to the mentor developed the activity in the best use.

**Keywords:** Professional and Career Guidance; High school; Educational Product.

### **4.1 O que é**

A Orientação Profissional e de Carreira (OPC) é um serviço desenvolvido principalmente por educadores e psicólogos que tem como objetivo ajudar pessoas na construção de seu projeto de vida por meio do autoconhecimento e construção de carreira. Este processo pode ser realizado em diferentes fases da vida desde crianças e adolescentes até adultos e idosos. Este trabalho ajuda a pessoa na sua formação cidadã de modo ético e com coerência em sua realidade. Isso porque ela traz a ampliação da consciência sobre si mesma e a realidade em que está inserida.

A OPC tem como fim ajudar o indivíduo a entrar em contato com seu contexto, levantar questões problematizando as possibilidades, filtrar o todo, criando critérios, e por último se autorregular para exercer a sua escolha de forma consciente. O objetivo da OPC está em auxiliar

processualmente a pessoa a realizar escolhas conscientes e autônomas a partir do amplo conhecimento de si e do mundo, a fim de construir sua identidade profissional e alcançar resultados positivos e de bem-estar social (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001; LUCCHIARI, 1992).

No trabalho com adolescente a OPC é conhecida como primeira escolha, pois irá acompanhar o jovem na realização de sua primeira escolha profissional. O presente produto educacional, conforme as diretrizes previstas pelo mestrado profissional em ensino para a educação básica, tange a OPC de primeira escolha para aplicação em escolas com grupos de adolescentes, contudo, pode também ser realizada em ambiente clínico, familiar e centros formativos.

A fim de alcançar o ambiente escolar, este material pode ser utilizado por professores, diretores e coordenadores que tenham interesse em contribuir na construção do projeto de vida de seus alunos.

#### **4.2 Como foi desenvolvido**

O presente produto educacional foi desenvolvido a partir da leitura de diversos materiais na área de OPC que apresentavam técnicas de intervenção com diferentes objetivos de reflexão e sensibilização. Inspirando-se nestas atividades propôs-se a construção de um protocolo de intervenção em escolas de ensino médio para o trabalho com adolescentes. A partir deste protocolo os pesquisadores submeteram o trabalho ao Comitê de Ética propondo aplicar este protocolo em escolas coparticipantes a fim de verificar possíveis ajustes e validar sua qualidade em alcançar os objetivos propostos. Colaborando na construção deste protocolo foi realizado uma pesquisa com professores de escolas de ensino médio verificando se estes identificavam a demanda para a realização da OPC com seus alunos e se haveria o interesse destes em incorporarem o trabalho da OPC em sua atuação. A partir dos dados coletados o protocolo pode ser aprimorado em algumas atividades e confirmado sua relevância e contribuição social.

Posterior a essas etapas o protocolo foi aplicado em dois grupos operativos de duas escolas de ensino médio de tempo integral coparticipantes da pesquisa. Ao final de cada encontro previsto pelo protocolo os alunos participantes respondiam a um questionário que foi avaliado e validou a qualidade e contribuição do protocolo desenvolvido.

Através da construção e validação deste material, fez-se construção do presente produto educacional. O e-book intitulado “Orient(AÇÃO): um manual de orientação profissional e de

carreira para adolescentes no Ensino Médio” tem como objetivo orientar profissionais da área de educação à atuação com OPC juntamente com seus alunos. Ele é um material digital como apresentação interativa e dinâmica que apresenta como pode-se trabalhar um projeto de OPC em escolas de ensino médio. Organizado em três capítulos, o e-book apresenta o que é a OPC de primeira escolha, como funciona o trabalho sugerido e a apresentação do protocolo.

Na apresentação de cada etapa do protocolo de OPC desenvolvido pelos pesquisadores o material delinea a estrutura e o objetivo de cada encontro, descreve como é a realização de cada atividade e como ela pode ser conduzida, propõe possíveis tarefas de casa que podem colaborar com o desenvolvimento da OPC e ainda destaca informações importantes que podem ser pensadas pelo orientador.

O e-book oferece ainda as referências que serviram de inspiração e respaldo para a construção do material traz em seu final os apêndices das atividades a serem aplicadas ao longo do processo. Esses apêndices servem como material de suporte para atuação do professor orientador.

### **4.3 Como usar**

Os encontros previstos podem ser realizados na modalidade presencial ou online/remota. Se forem realizados de forma presencial é necessário que os alunos se encontrem em ambiente seguro e privado, onde se sintam à vontade para realizarem reflexões e terem trocas construtivas a partir das atividades propostas. Aconselhamos que as atividades sejam realizadas com conforto, podendo os participantes se sentarem em cadeiras, no chão, em círculo, onde todos se sintam parte integrante do grupo. Este trabalho pode ser realizado com alunos entre 16 e 18 anos de idade, correspondendo ao segundo e terceiro ano do Ensino Médio.

Fica a critério do orientador como recrutar e formar estes grupos. Os grupos podem ser menores, de seis a 12 participantes, ou grupo maiores, como uma sala inteira, média de 30 a 35 alunos. A quantidade de participantes não comprometerá a qualidade das reflexões, poderá apenas interferir nas trocas e compartilhamentos, tendo em vista que não haveria tempo para todos os jovens falarem. Sugerimos que os grupos sejam menores, promovendo trocas maiores e melhor proximidade com os participantes, mas compreendemos que cada orientador deve avaliar esse quesito de acordo com a realidade em que estiver inserido.

Este material também pode ser aplicado de forma remota em sala de videoconferência. É importante que nessas salas os alunos se sintam seguros para participar como estiverem

disponíveis, seja com câmera aberta, microfone aberto ou por interações pelo chat. É preciso que tenham uma conexão de internet estável e estejam em ambiente seguro para compartilharem a experiência que estiverem desenvolvendo. Do mesmo modo o trabalho remoto também pode ser desenvolvido com grupos menores ou maiores ficando a critério de cada orientador.

O presente protocolo prevê oito encontros com duração média de duas horas cada para grupos menores. A duração pode variar de acordo com o grupo, grupos maiores podem precisar da extensão deste tempo. Cada encontro prevê uma atividade norteadora, disponibilizada nos apêndices do e-book. Em caso presencial, o orientador deve levar as atividades por encontro, em caso online, ele pode enviá-las antecipadamente para os alunos imprimirem e estarem com ela no encontro seguinte. Caso não seja possível a impressão dessas atividades o orientador pode projetá-las e os alunos representarem em uma folha de papel. É importante que os alunos sempre tenham em mãos papel, lápis e caneta para anotação e realização das atividades previstas. Todos os encontros apresentam uma atividade norteadora a ser realizada, alguns encontros apresentam tarefa de casa.

Por ser um processo breve, totalizando uma média de 16 horas de encontros, este processo de OPC pode ser realizado em contraturno ou em períodos de aula cedidos pelos professores, de tal modo que não prejudique o andamento das aulas e ministração dos conteúdos. Informamos a importância de os grupos serem fechados, ou seja, depois que der início novos participantes não podem entrar, sem variação de participantes. A importância de trabalhar com grupos fechados é que eles possam ter maior coesão e usufruírem das reflexões de todos os encontros.

#### **4.4 Apresentação do protocolo**

##### **Encontro 1 – Gosto e Faço**

###### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Apresentação do orientador
- Apresentação dos alunos presentes: nome, idade, profissões que pensam exercer no futuro.
- Apresentação do funcionamento do projeto: 8 encontros, tolerância de 10 minutos de atraso para participar do encontro, média de duas horas de duração, importância da presença, importância da realização das atividades e do sigilo, esclarecimento de dúvidas

- Realização da atividade 1 - “Gosto e Faço”
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Tarefa de casa: realização da autobiografia
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo deste primeiro encontro está em acolher os alunos, compartilhar sobre o funcionamento do grupo e realizar uma atividade que pondere sobre a temática do prazer e do dever.

**Realização da atividade:** o encontro iniciará com o acolhimento que será a apresentação dos envolvidos, participantes e orientador. O orientador deverá explicar como funcionarão os encontros e combinará com os participantes aspectos fundamentais para o desenvolvimento do grupo, como: a importância do sigilo, para que todos se sintam seguros em compartilhar suas experiências; a importância da presença em todos os encontros e do compartilhamento das reflexões que forem tendo ao longo do processo; evitar o uso de eletrônicos para usufruírem ao máximo das reflexões propostas.

A atividade a ser realizada, inspirada em Dulce Lucchiari (1992), tem como fim trabalhar a dualidade entre prazeres e deveres. Ao final da realização da atividade, os alunos devem ter a confirmação de que nem sempre fazemos apenas aquilo que gostamos e temos prazer, mas também precisamos fazer aquilo que temos obrigação e dever, mesmo não gerando prazer. Em contrapartida, a reflexão também pode levar os adolescentes a avaliarem como estão incluindo em sua rotina atividades que preservem a saúde mental.

Para a realização da atividade, os alunos deverão representar em uma folha de papel um quadro com quatro partes - conforme atividade 1 em apêndice no e-book. Cada parte conterá os seguintes títulos: gosto e faço, gosto e não faço, não gosto e faço, não gosto e não faço. Em seguida eles terão um tempo para preencherem individualmente cada parte deste quadro com qualquer atividade que conseguirem identificar de suas próprias vidas. Eles não devem se restringir apenas a atividades escolares, mas qualquer atividade que conseguirem identificar. Assim que todos concluírem, o orientador poderá solicitar algumas análises para iniciar a reflexão. Algumas instruções podem orientar essa análise, por exemplo:

- a. Circule o quadrante que você preencheu com mais atividades
- b. Sublinhe o quadrante que você preencheu com menos atividades
- c. Como você se sente em relação ao quadrante que está circulado e o que está sublinhado?  
Escreva uma palavra ou frase que represente esse sentimento

Após essa análise, o orientador pode pedir que os alunos compartilhem livremente suas sensações, aspectos que chamaram a atenção, e, assim, ter um espaço rico para acolhimento e desenvolvimento de novas reflexões. Por exemplo, quando ficamos apenas nos quadrantes do que fazemos e gostamos podemos desenvolver maior intolerância às atividades difíceis e que não nos identificamos tanto, contudo, na vida, há sempre um equilíbrio entre prazeres e deveres. Cada grupo e cada compartilhamento dos participantes trarão reflexões possíveis, e o orientador deve estar atento para perceber a demanda que emerge do grupo. Para finalização do encontro, o orientador deverá explicar a tarefa de casa.

**Tarefa de casa:** os alunos deverão escrever uma autobiografia que será utilizada no terceiro encontro. Essa atividade deve ser desenvolvida de forma espontânea e livre. Eles não são obrigados a entregar a atividade e nem a apresentar ao orientador, fazendo isso apenas se quiserem. Eles podem escrever sua própria história em um papel, pelo celular, utilizando imagens, como quiserem. O importante é que contemplem: a) Interesses e habilidades pessoais b) Vida diária – como é a sua rotina c) Como ocupam seu tempo livre d) Experiências marcantes na vida escolar e) Matérias que mais gostam.

**Informações importantes:** neste encontro, a discussão sobre prazeres e deveres pode trazer níveis ampliados de consciência, como, por exemplo, que os alunos estão fazendo mais coisas por obrigação, ou que estão focando muito em prazeres e faltando com outras responsabilidades. É importante que essa consciência seja acolhida pelo orientador, que irá confirmar essas autopercepções e ajudar esses jovens a encontrarem novas possibilidades. Dessa forma, talvez eles reconheçam que devam ser mais engajados com suas atividades, ou entendam que precisam saber fazer pausas e terem prazeres e hobbies para assim cuidarem de sua saúde mental. O olhar do orientador é relevante para validar a percepção e auxiliar o adolescente a encontrar novas perspectivas de ação e cuidado com a própria vida.

## **Encontro 2 – Agenda Colorida**

### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Realização da atividade 2 – “Agenda Colorida”
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Tarefa de casa: lembrar a realização da autobiografia
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo deste poderão segundo encontro está em auxiliar os adolescentes na reflexão sobre a temporalidade. Eles verificar como têm organizado sua rotina semanal observando se estão se dedicando eficazmente aos momentos de estudo, lazer e outras responsabilidades. Ao final da realização da atividade, os alunos deverão obter a confirmação de que é possível fazerem as atividades previstas, mas que alguns ajustes podem ser realizados para manter a qualidade de seus trabalhos.

**Realização da atividade:** após a recepção dos participantes, o orientador iniciará a realização da atividade “Agenda Colorida”, inspirada em Dulce Lucchiari (1992). Os alunos representarão em uma folha de papel uma tabela dividida em oito colunas, sendo a primeira nomeada como horário e as seguintes nomeadas com os dias da semana (de segunda-feira a domingo) – conforme atividade 2 como apêndice no e-book. A tabela terá, ainda, 25 linhas, sendo apenas as linhas da primeira coluna preenchidas com horários, começando as 05:00h até 04:00h. Para realização da atividade os alunos deverão escolher cores para cada grupo de atividades e legendá-las, por exemplo: cor azul para dormir, cor rosa para tempo da escola, cor laranja para lazer, e assim sucessivamente. Eles devem estar livres para legendarem quantas atividades julgarem necessárias e utilizarem as cores que preferirem. Com essas cores eles deverão colorir a tabela conforme os dias e horário que realizam aquela atividade nomeada. Ao final, terão uma representação expressiva de sua rotina semanal. Em seguida, o orientador deve nortear a reflexão sobre a atividade realizada. Algumas perguntas podem auxiliar nessa análise:

- a. Quando olha para essa tabela, que sentimento ela provoca em você?
- b. Quais tipos de atividade mais ocupam o seu dia a dia?
- c. Analisando sua tabela, você tem vontade de mudar alguma coisa? O quê?
- d. O que está fora de sua rotina?
- e. Observando as cores que escolheram livremente para cada atividade, o que cada cor significa para você?
- f. Se a sua tabela fosse a manchete de um jornal, qual seria essa manchete?

O orientador deve estar atento às respostas dos alunos para caminhar conforme o que surgir no encontro. Validar a experiência vivida por eles, trazer um novo olhar e verificar novas possibilidades de organização que sejam coerentes com a condição de cada aluno são pontos-chaves dessa atividade.

**Tarefa de casa:** lembrar os alunos da tarefa da autobiografia para a próxima semana.

**Informações importantes:** neste encontro a discussão sobre rotina pode trazer níveis ampliados de consciência. Um exemplo pode ser identificar que os alunos estão se dispendo a fazer muitas atividades, mas não oferecendo o tempo eficaz para elas, ou que estão com muito tempo ocioso e precisam verificar as implicações dessa realidade. Essas percepções devem ser acolhidas e problematizadas. Trazer informações sobre o ócio produtivo e a procrastinação são relevantes para darem suporte aos alunos. Também pode ser trabalhada uma reflexão sobre a temporalidade futura, como querem viver sua rotina quando estiverem no mercado de trabalho. Querem trabalhar em horário flexível ou fixo, período parcial ou integral, trabalhar intensivamente ou moderadamente. Essas projeções sobre o mundo do trabalho podem começar a serem sensibilizadas neste encontro.

### **Encontro 3 – Trajetória de Vida**

#### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Realização da atividade 3 – “Trajetória de vida”
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo desta atividade está em auxiliar os alunos a compreenderem os eventos marcantes ao longo de seu desenvolvimento, verificando se foram vivências positivas e negativas e quais os reflexos desses eventos em seu presente.

**Realização da atividade:** após a recepção dos participantes, o orientador inicia a atividade “Trajetória de vida”, inspirada em Dulce Lucchiari (1992). Para realização dessa atividade, os alunos deverão utilizar sua autobiografia (realizada como tarefa de casa) e preencher a linha do tempo em ordem cronológica. Eles deverão colocar para cima da linha os eventos que julgarem terem uma vivência positiva e para baixo da linha os eventos que julgarem terem uma vivência negativa. Eles não precisarão compartilhar suas autobiografias. Em seguida, o orientador pedirá que acrescentem nessa trajetória de vida duas novas informações. A primeira será a distribuição, por parte dos alunos, das brincadeiras que mais gostavam ao longo da vida nessa linha do tempo. A segunda é acrescentar quais profissões diziam que gostariam de ter ao longo da vida. Por exemplo, de três a cinco anos eu gostava de brincar de escolinha e falava que queria ser médica. Após preencherem toda a linha do tempo, o orientador fará algumas perguntas norteadoras para reflexão da atividade. Algumas perguntas que podem auxiliar nessa reflexão são:

- a. O que mais chama sua atenção quando você olha para essa linha do tempo?
- b. O que têm em comum nessas coisas que te chamaram a atenção?
- c. Como eram as brincadeiras que você mais gostava? Eram brincadeiras individuais, coletivas, calmas, seguras, agitadas, aventureiras, ao ar livre, dentro de casa...?
- d. Qual verbo melhor representaria essa brincadeira? (exemplo: cuidar, criar, produzir, cozinhar, obedecer...)
- e. O que você acha que essas brincadeiras favoritas têm a ver com você hoje?
- f. Olhando para as profissões que você já sonhou ao longo da vida, verifique o que lhe motivava a escolher essas profissões?
- g. Como você imaginava que seria essa profissão?
- h. O que ou quem incentivava essa profissão?
- i. O que ou quem inspirava essa profissão?
- j. O que fez você mudar de ideia? Ou o que o fez permanecer com essa ideia?

Ao final dessas reflexões, os alunos poderão compartilhar livremente suas respostas, e assim o grupo terá uma troca de experiências e percepções. O orientador mediará essa troca e auxiliará a autoaceitação dessa trajetória de vida.

**Tarefa de casa:** não tem.

**Informações importantes:** nesta atividade é importante dar espaço para os alunos compartilharem suas histórias e poderem ser confirmados em seus sentimentos e vivências. É importante que eles vejam a própria identidade ao longo da sua trajetória de vida e como algumas características de si permaneceram e outras mudaram, como eles se sentem com essas características e, assim, trazer maior consciência sobre si mesmo. É possível também já começarem a observar se essas características combinam com as profissões de interesse atual, dando mais contorno na realização da escolha.

#### **Encontro 4 – Genoprofissiograma**

##### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Aquecimento: você sabe a história do seu nome?
- Realização da atividade 4 – “Genoprofissiograma”
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo desta atividade está em auxiliar os adolescentes a verificarem as influências e heranças familiares existentes em sua história de vida por meio da identificação dos parentes com suas respectivas profissões.

**Realização da atividade:** após a recepção dos alunos, o orientador fará um aquecimento inicial. Será solicitado que os alunos compartilhem a história de seus nomes. Se eles conhecem como os seus nomes foram escolhidos, quem escolheu e o seu significado. A partir dessas histórias, eles farão uma reflexão sobre como nossa família faz parte da nossa formação por meio até do no nosso nome, parte importante da nossa identidade. O orientador pode verificar se eles gostam e se identificam com seus nomes e assim acolhê-los em suas percepções e sensações. Em seguida, será proposta a realização do genoprofissiograma, inspirado em Mahl, Soares e Neto (2005). Cada aluno, em uma folha de papel, deverá fazer a árvore genealógica de sua família materna e paterna, considerando a geração dos avós, pais (tios e cônjuges) e seus filhos (irmãos e primos) – conforme atividade 4 como apêndice no e-book. O mentor deve explicar como fazer essa árvore utilizando as seguintes orientações: símbolo de círculo para mulher; símbolo de quadrado para homem; marcar um x sobre os símbolos que correspondem a pessoas falecidas, marcar um traço sobre a relação que corresponda a um rompimento (por exemplo divórcio); tentar distribuir os parentes por ordem de nascimento quando possível e, se houver fatos significativos, escrever ao lado da imagem.

Quando os participantes terminarem de fazer essa representação gráfica de suas famílias, o orientador pedirá que acrescentem nessa árvore genealógica as seguintes informações sobre cada membro: identificar o nível de escolaridade; se houver, qual a formação (se concluiu ou não); qual a profissão e o hobby. Assim que concluírem, iniciar-se-á a análise da atividade realizada. Algumas perguntas podem contribuir nessa reflexão como:

- a. O que chama sua atenção na representação da sua família?
- b. Qual nível de escolaridade mais aparece na sua família?
- c. Qual área de atuação é mais comum na sua família?
- d. Você se identifica com essa escolaridade e essas áreas de atuação mais comuns em sua família?
- e. Quais os hobbies mais comuns na sua família?
- f. Quanto aos hobbies, você sente que sua família usufrui do tempo livre?
- g. Vocês percebem se, ao olhar para essa realidade familiar, existe alguma expectativa sobre vocês?

A partir de cada reflexão proposta, o orientador poderá se dispor a ouvir suas respostas e auxiliar a ver semelhanças e diferenças existentes nessa família, e se elas se aproximam da forma de ser do aluno ou não. É importante os alunos reconhecerem sua história familiar e verificarem como eles se sentem em fazerem parte dela.

**Tarefa de casa:** não tem.

**Informações importantes:** é importante observar que, na realização da árvore genealógica, os alunos tendem a ficar confusos. Para auxiliá-los, o orientador, durante a explicação, pode utilizar uma imagem pronta para mostrar como que ficará a representação ao final. É comum os alunos perguntarem se devem colocar alguma pessoa ou não, o orientador deve sempre ressaltar que com mais detalhes melhor será a análise, mas se estiver com dificuldade o aluno deve observar se aquela pessoa é relevante para ele colocá-la na representação. O orientador não deve “forçar” o que deve ou não ser feito, mas sempre trazer o adolescente a uma autoanálise para fazer escolhas. Um exemplo de autoanálise é verificar se o aluno quer ou não colocar o tio X em sua atividade. É comum os alunos não saberem informações sobre seus familiares, quando for assim o orientador pode sugerir que coloquem ponto de interrogação. Essa grafia serve até como uma forma de os alunos verificarem proximidades ou distanciamentos dessa família. Os alunos podem ainda questionar se podem fazer a árvore genealógica apenas de pai, ou apenas de mãe, se deve fazer dos padrastos ou madrastas. Mais uma vez, o papel do orientador é dar espaço para que eles avaliem o que é relevante para si e assim agirem de forma que faça sentido para cada um.

## **Encontro 5 - Critérios para escolha profissional**

### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Realização da atividade 5 – “Critérios para escolha profissional”
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Explicação da tarefa de casa
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo desta atividade está em introduzir os adolescentes no mundo profissional a partir da discriminação de categorias que envolvem o trabalho.

**Realização da atividade:** após a recepção dos participantes, terá início a atividade inspirada no jogo “Critérios para escolha profissional”, de Katia Neiva (2015). Para essa atividade, os

alunos deverão ter em mãos papel e caneta. Se tiverem a atividade impressa iniciarão diretamente, se não deverão representar em uma folha cinco colunas, cada qual com os seguintes títulos: ambiente, objetos/conteúdos, atividade, rotina e retorno – conforme atividade 5 como apêndice no e-book. Para realizar essa atividade, o orientador deverá solicitar que cada aluno pense características, aspectos, condições que eles achem importantes e se identifiquem para cada uma dessas categorias no que tange o trabalho. Para sensibilizá-los, o orientador pode utilizar algumas perguntas-chave para auxiliar a reflexão. Essas perguntas podem ser feitas por coluna:

- a. Onde trabalhar e em que tipo de ambiente? (ambiente de trabalho)
- b. Com o que trabalhar? (objetos e conteúdo de trabalho)
- c. Fazendo o quê e como neste trabalho? (atividade de trabalho)
- d. Quando e quanto trabalhar? (rotina de trabalho)
- e. O que desejo obter com o meu trabalho? (retornos do trabalho)

Assim que os alunos conseguirem preencher as cinco colunas, o orientador deverá pedir que leiam atentamente suas atividades e verifiquem se gostariam de tirar ou acrescentar alguma característica. Em seguida, o mentor pode pedir que os alunos compartilhem suas respostas, comentando o que chamou atenção, o que acharam mais fácil ou mais difícil de pensar. Ele pode, também, discutir coluna por coluna verificando com os alunos as vantagens e desvantagens das características identificadas por eles e assim iniciar uma reflexão sobre os desafios do mundo profissional. Os participantes poderão ter mais clareza sobre o mercado de trabalho e aproveitar o momento para tirarem dúvidas sobre esse universo com o orientador. Para o fechamento, os alunos devem, considerando todos esses critérios, imaginar no mínimo três e no máximo cinco profissões que combinariam com esses aspectos elencados por eles. Eles deverão anotar essa lista que irá compor a tarefa de casa. Para finalizar o encontro, o orientador deverá explicar a atividade a ser feita.

**Tarefa de casa:** os participantes deverão pesquisar mais informações sobre as três a cinco profissões que conseguiram identificar. Eles devem buscar informações como: qual a formação necessária para esse ofício, onde existe esse curso, tempo de duração, média salarial, quais os conteúdos mais estudados, como está o mercado de trabalho, qual a função social dessa profissão, e demais informações que julgarem importantes. O orientador pode indicar sites e materiais que possam auxiliar nessa pesquisa. Deve ficar claro aos alunos a relevância dessa pesquisa, pois eles deverão compartilhar os resultados com o grupo no próximo encontro.

**Informações importantes:** neste encontro é comum os alunos ficarem confusos sobre o que pensarem de cada categoria, normalmente essa reflexão é uma experiência muito nova para eles. Sendo assim, o orientador deve estar preparado para dar exemplos e ajudá-los a pensar possibilidades para cada categoria. Esse é um momento rico de trocas de conhecimento. O orientador pode, ainda, propor que pensem na profissão dos pais ou adultos de referência e identifiquem características de cada categoria facilitando assim a sensibilização à atividade.

## **Encontro 6 – Pesquisa sobre profissões de interesse**

### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Realização do encontro com o compartilhamento das pesquisas
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo deste encontro está em trazer consciência aos participantes sobre as profissões existentes e que eles têm interesse sensibilizando sobre os desafios e possibilidades de cada uma das opções.

**Realização da atividade:** após a recepção dos participantes, o orientador auxiliará os alunos a compartilharem as pesquisas realizadas sobre as sobre profissões de interesse inspiradas nas atividades de Dulce Lucchiari (1992). Para que o encontro aconteça, os alunos deverão ter feito a tarefa de casa. Pode acontecer que eles não tenham realizado, para isso o orientador deverá estar preparado para dar um tempo para que eles façam a pesquisa no momento do encontro utilizando internet ou materiais que podem ser disponibilizados pelo próprio mentor. Assim que todos estiverem prontos, os alunos serão convidados a compartilhar livremente o que encontraram sobre as profissões de interesse e o que os chamou a atenção. É importante que o orientador esteja atento aos alunos que tenham interesse em comum e solicitar que compartilhem informações conjuntamente, de tal forma que a experiência se complemente ao longo de todo o encontro. O interessante desta atividade está além de ser um encontro informativo: ser um encontro de avaliação de possibilidades. O orientador deverá instigar os jovens a verificarem se o que encontraram sobre as profissões cabem em sua realidade financeira, sua rotina, seu deslocamento e assim irem tendo mais autonomia para verificarem viabilidades acessíveis em seus contextos. O mentor pode, ainda, contribuir, possibilitando que estes jovens vejam proximidades e diferenças entre as profissões de interesse. Por exemplo, se

os dois ofícios de interesse do aluno trabalham com pessoas, demandam maior comunicação ou se um é mais de pesquisa e o outro de maior atendimento ao público. Essas semelhanças e diferenças identificadas podem dar suporte para que o jovem projete ali identificações ou não sobre si mesmo. No fechamento deste encontro não haverá tarefa de casa.

**Tarefa de casa:** não tem.

**Informações importantes:** o orientador deverá ser bem flexível neste encontro. Ele deverá estar atento às informações, ao tempo e aos participantes. Deverá verificar se todos estão participando e mediar o tempo para que todos tenham oportunidade de compartilhar. É de suma importância que o orientador faça sua própria pesquisa sobre as profissões escolhidas pelos alunos antes do encontro, para que ele tenha maior propriedade em suas intervenções e não se baseie em conhecimentos do senso comum. Se possível, o orientador deve também motivar estes alunos a trocarem ideias com pessoas de cada profissão de interesse, não se restringindo apenas às pesquisas, mas possivelmente terem contato com o ambiente real daquelas ocupações.

## **Encontro 7 – Tira das profissões**

### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Exercício de relaxamento corporal
- Realização da atividade
- Reflexões sobre a atividade desenvolvida
- Explicação da tarefa de casa
- Fechamento

**Objetivo:** o objetivo deste encontro está em promover a vivência da escolha por meio do lúdico e verificar os reflexos dessas escolhas em cada participante.

**Realização da atividade:** após a recepção dos alunos, será realizada a atividade “Tira das profissões”, inspirada em Assunção e Oliveira (2016). Para a realização do exercício é importante que os alunos estejam relaxados, seguros e concentrados. Para tanto, o orientador deve verificar que o ambiente esteja organizado, sem muitos estímulos visuais e sonoros. Recomendamos que o mentor faça um relaxamento com os alunos. Ele pode mediar um alongamento de pescoço, tronco e membros e pedir que os alunos respirem profundamente dez vezes com os olhos fechados. Assim que todos estiverem calmos e sintonizados com o grupo,

o orientador deverá pedir que cada aluno pegue uma folha de papel e a rasgue em cinco retalhos diferentes, sem precisão de tamanho. Os participantes deverão escolher três dos retalhos de papel e descartar os outros dois. Nos retalhos em mãos, os alunos deverão escrever as suas três profissões de maior interesse no momento, uma em cada pedaço de papel. Quando todos concluírem, o orientador deve solicitar que cada um, em seu local, distribua os três retalhos à sua frente (sobre a mesa, cama, chão, dependendo de como o processo estará acontecendo e onde). Assim que todos distribuírem esses papéis, o orientador deve pedir que não mexam mais nesses retalhos e apenas os observem. Os alunos observarão qual papel está mais próximo, qual está mais distante, o tamanho dos retalhos, qual profissão está no retalho maior, qual profissão está no retalho menor. Neste momento, os alunos poderão verificar como se sentem neste lugar com essas observações. Em seguida, o orientador iniciará intervenções mais pontuais. Ele deve solicitar que das três profissões a frente o adolescente escolha uma para retirar. Ele deve retirar o papel do campo visual e o orientador pode dizer de forma lúdica que aquela profissão deixou de existir, não sendo mais uma opção de escolha. Ele deve pedir que cada aluno verifique como se sente ao descobrir que aquela profissão “deixou de existir”. Os alunos poderão compartilhar suas sensações e devem ser escutados atentivamente pelo orientador. Assim que todos compartilharem, o mentor pedirá que retornem o papel para o campo visual e escrevam no verso daquele retalho a sensação que tiveram ao saber que aquela profissão não seria mais uma opção. A dinâmica deve ser repetida mais duas vezes para que os alunos passem pela possibilidade de “experimentar” não terem aquela opção de escolha pelo menos uma vez. Quando passarem por todos os retalhos, o orientador fará a mesma dinâmica, uma última vez, pedindo que os jovens escolham duas opções para “deixarem de existir”. Ao final os alunos deverão experienciar ter apenas uma única opção de escolha e compartilharem os efeitos dessa única opção em suas emoções e pensamentos. Por fim, o orientador deve esclarecer que aquela última opção não corresponde necessariamente a escolha final, mas que é importante os alunos perceberem quais opções tem maior peso de escolha, quais provocam maior interesse ou apatia e assim irem se sensibilizando para a experiência de escolher uma e renunciar outras. O mentor pode fechar o encontro falando sobre ganhos e perdas no processo de escolha e explicando a tarefa de casa.

**Tarefa de casa:** para a tarefa de casa, o aluno deve escrever duas cartas: uma de despedida do ensino médio e outra pedindo em namoro uma das profissões de interesse. Eles devem se sentir livres para fazerem essa carta como quiserem. Pode ser em papel, digitada, em paródia, em formato de post de redes sociais, o importante é que os dois eixos permaneçam, uma carta de

despedida do ensino médio e uma carta de iniciação de uma nova relação. Eles podem personificar o ensino médio e a profissão e expressarem seus sentimentos sobre a vivência em que se encontram.

**Informações importantes:** este encontro é um momento em que o grupo está mais fortalecido. Eles se conhecem, sabem o funcionamento do grupo e estão cientes de que o processo de orientação profissional e de carreira está perto do fim. Logo, é importante que o orientador caminhe com esses jovens na experiência de escolher, ainda que de forma lúdica. É comum alguns adolescentes se emocionarem, ficarem aflitos e terem dúvidas, por isso é crucial que o mentor esteja atento, sendo interativo, acolhedor e mostrando que a atividade é uma experiência lúdica e não a realidade em si. Esse acompanhamento e acolhimento é o que trará segurança para a vivência e a possibilidade que o jovem entenda os reais ganhos e perdas que cada escolha carrega.

## **Encontro 8 – Viagem à fantasia**

### **Estrutura:**

- Acolhimento dos participantes
- Compartilhamento da tarefa de casa
- Realização da atividade
- Compartilhamento e reflexões sobre a vivência
- Fechamento

**Objetivo:** auxiliar o adolescente a pensar sobre o futuro de forma projetiva e verificar suas ambições e desejos.

**Realização da atividade:** após a recepção dos alunos, o encontro iniciará com o compartilhamento da experiência que tiveram em escrever a carta de despedida e a carta de pedido de namoro, atividade essa inspirada em Dulce Lucchiari (1992). Eles podem sentir-se à vontade para compartilharem quais foram os sentimentos que tiveram ao realizar a tarefa ou, se quiserem, poderão até mesmo ler suas cartas para o grupo. Por meio dessa troca, o orientador pode pontuar aspectos que chamam a atenção e confirmar que eles se encontraram em um momento de transição, que é a saída do ensino médio e a inserção no mercado de trabalho e/ou de formação. Confirmar essa experiência gerará compreensão, acolhimento e possibilidade de refletir como querem vivenciar essa fase.

Após esse aquecimento, o mentor deverá fazer um relaxamento com os alunos, assim como foi no encontro anterior. Esse relaxamento pode ser composto por uma música leve ao fundo, um alongamento, respirações alongadas, como o orientador se sentir mais confortável para mediar. Assim que todos estiverem tranquilos, os adolescentes devem fechar os olhos e se entregarem a um exercício de imaginação inspirado nas técnicas de Dulce Lucchiari (1992). O orientador irá pedir que eles se imaginem em um futuro de médio prazo, dez anos à frente. Em seguida, o mentor deverá descrever uma possível rotina de trabalho com duração de um dia. “Imagine que você está no futuro, daqui a dez anos e você está acordando. Que horas são? Onde você está? Tem alguém com você agora? Você acabou de acordar e agora precisa ir para o trabalho. Como você vai se organizar? Você precisa vestir algo específico? Você precisa ir para onde? O que é necessário para que você comece o seu trabalho? Você acabou de chegar no seu serviço. Como é este lugar? Ele é grande, é pequeno? Tem pessoas com você? Como você se sente? Qual atividade você deverá fazer primeiro? Você precisa de alguma preparação antes? Existe algum contratempo? O que você deve fazer? Muitas coisas aconteceram e agora você precisa ir embora, seu dia de trabalho concluiu. Para onde você vai agora? Que horas são? Você vai encontrar alguém? Um dia inteiro se passou. Como você se sente? Existe algo que você não gostaria de esquecer? Agora respire fundo e retorne. Retorne dez anos, ao seu ponto de partida e quando se sentir confortável pode abrir os olhos.” Ao terminar essa atividade os alunos poderão compartilhar sua vivência. Onde estavam, como estavam, o que fizeram, se estavam com alguém e por meio da descrição dessas histórias o orientador poderá verificar com cada um se essas características imaginadas se aproximam da profissão que eles haviam pedido em namoro no começo do encontro. Caso se aproximem, isso trará mais validade à escolha, caso se distanciem, isso trará maior consciência das dissonâncias vividas pelo jovem. Com essas reflexões, o orientador poderá caminhar para o fechamento do encontro. Neste fechamento, o mentor deverá perguntar aos participantes como eles percebiam ter chegado ao primeiro encontro e como sentem que estão saindo no último encontro. Acolher essas respostas será o fechamento do processo de OPC.

**Tarefa de casa:** não tem.

**Informações importantes:** o orientador deve se sentir livre para realizar o fechamento como ponderar ser importante. Se ele quiser fazer uma atividade específica, idealizar uma lembrancinha que simbolize a vivência do grupo, propor reflexões, esse momento deve ser criativo e sintonizado com o grupo.

#### **4.5 REFERÊNCIAS**

ASSUNÇÃO, G. S.; OLIVEIRA, P. J. **Curso de formação em Orientação Profissional**. Goiânia, 2016. (Apostila não publicada)

LISBOA, M. D. **A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador**. In.: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **Orientação profissional em ação formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2017.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1992.

MAHL, A. C.; SOARES, D. H. P.; OLIVEIRA-NETO, E. (Org.). **POPI - Programa de Orientação Profissional Intensivo: outra forma de fazer Orientação Profissional**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

MELO-SILVA, L. L.; JACQUEMIN, A. **Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando resultados e processos**. [S.l: s.n.], 2001.

NEIVA, K. M. C. **Critérios para escolhas profissionais**. São Paulo: Vetor, 2015.

## **APÊNDICE A - Termo de anuência de instituição coparticipante**

### **TERMO DE ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Declaro concordar com o projeto de pesquisa intitulado “Desenvolvimento de um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para ensino médio”, de responsabilidade dos pesquisadores Nadine Botelho Santos, Dr. André Luis da Silva Castro e Ms. Mariana Costa Brasil Pimentel, bem como declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12.

Esta instituição \_\_\_\_\_ está ciente de suas corresponsabilidades como Instituição Coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

Estou ciente que a execução deste projeto dependerá do parecer consubstanciado enviado pelo CEP/IF Goiano mediante parecer “Aprovado”.

Goiânia \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Nome do responsável legal pela Instituição

## **APÊNDICE B - Questionário para os professores**

- 1. Sexo**
  - a. Masculino
  - b. Feminino
  - c. Não quero identificar
- 2. Idade**
  - a. Entre 18-25 anos
  - b. Entre 26-35 anos
  - c. Entre 36-45 anos
  - d. 46 anos ou mais
- 3. Qual o seu tempo de experiência como docente?**
  - a. Menos de 5 anos
  - b. Entre 6 e 10 anos
  - c. Entre 11 e 20 anos
  - d. 21 anos ou mais
- 4. Você atua como docente em que tipo de instituição de ensino?**
  - a. Pública municipal
  - b. Pública estadual
  - c. Pública federal
  - d. Privada
  - e. Pública e privada
- 5. Qual a sua formação no ensino superior?**
  - a. Discursiva \_\_\_\_\_
- 6. Quais disciplinas você ministra no Ensino Médio?**
  - a. Discursiva \_\_\_\_\_
- 7. Algum aluno já te pediu alguma ajuda quanto a escolha profissional?**
  - a. Sim
  - b. Não
- 8. Você já ouviu falar sobre Orientação Vocacional?**
  - a. Já ouvi falar
  - b. Nunca ouvi falar
- 9. O que entende que é Orientação Vocacional?**

- a. Discursiva \_\_\_\_\_
10. Você já ouviu falar de Orientação Profissional e de Carreira (OPC)?
- a. Já ouvi falar
- b. Nunca ouvi falar
11. O que você entende que é Orientação Profissional e de Carreira (OPC)?
- a. Discursiva \_\_\_\_\_
12. Quais profissionais você acredita que podem aplicar/realizar o processo de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) para adolescentes do Ensino Médio?
- a. Discursiva \_\_\_\_\_
13. Você vê a necessidade de os professores realizarem a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) com alunos no Ensino Médio?
- a. Sim
- b. Não
14. Você tem interesse em realizar a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) com seus alunos do Ensino Médio?
- a. Sim
- b. Não
15. Você vê a necessidade da realização de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) com seus alunos?
- a. Sim
- b. Não
16. O que te faz ver a necessidade da realização de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) com seus alunos?
- a. Discursiva \_\_\_\_\_
17. A escola que você atua já ofereceu a você alguma informação sobre a temática de Orientação Profissional e de Carreira (OPC)?
- a. Sim
- b. Não
18. A escola que você atua já ofereceu alguma atividade sobre a temática de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) para os seus alunos?
- a. Sim
- b. Não

**19.** Você tem interesse em conhecer sobre o processo de Orientação Profissional e de Carreira (OPC)?

- a.** Sim
- b.** Não

## **APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os professores**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “Desenvolvimento de um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para Ensino Médio”. Meu nome é Nadine Botelho Santos, sou psicóloga discente do mestrado profissionalizante no curso de pós-graduação em ensino para a Educação Básica do IF Goiano - Campus Urutaí. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade da pesquisadora responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis: Nadine Botelho Santos, Dr. André Luis da Silva Castro e Ms. Mariana Costa Brasil Pimentel por meio do telefone (62) 98271-3374 ou do e-mail nadinebotelho1@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano (situado na Rua 88, nº310, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás. Caixa Postal 50, pelo telefone: (62) 9 9226 3661 ou pelo email: cep@ifgoiano.edu.br.

#### **1. Justificativa, os objetivos e procedimentos**

A presente pesquisa é motivada pelo interesse de compreender como a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) pode ser inserida nas escolas. O objetivo desse projeto é validar a qualidade e contribuição de um protocolo de OPC de primeira escolha com adolescentes para aplicação no Ensino Médio. A pesquisa se desenvolverá na aplicação de um protocolo de OPC com grupos de adolescentes fixos no decorrer de oito encontros que acontecerão remotamente pela plataforma Google Meet. A fim de aprimorar nosso protocolo de aplicação e conhecer as demandas e vivências do ambiente de ensino, caso você concorde com o presente termo, você será direcionado a responder um questionário online com perguntas de múltipla escolha e discursivas. Não será preciso que você faça a sua identificação neste formulário, para que ele se mantenha em critério de sigilo.

## **2. Desconfortos, riscos e benefícios**

A presente pesquisa considera que a sua participação tem como risco o envolvimento e a mobilização de conteúdos emocionais, ou mesmo dificuldade em se posicionar em relação aos temas propostos no questionário. Isto pode ocorrer devido à realidade que cada um vivencia a partir de suas experiências psíquicas, morais, intelectuais, sociais, culturais e espirituais. Além do risco de cansaço no preenchimento do questionário. Esses riscos serão minimizados pela sua total liberdade para não responder algumas perguntas quando não se sentir disposto e o direito de se retirar da pesquisa, em qualquer etapa, sem causar-lhe danos. Caso aconteça algo de errado, você receberá assistência total e sem custo.

Os benefícios oriundos de sua participação serão a oportunidade de contribuir para uma pesquisa que visa promover um produto educacional de suporte à educação básica e que promovam crescimento e formação integral dos adolescentes. Você terá ainda um momento de reflexão sobre sua realidade profissional, seus desafios e possibilidades podendo desenvolver um diálogo aberto com os pesquisadores. Seu questionário será lido sem caráter moral e julgador, por profissionais habilitados que integrarão todos os dados na construção de um protocolo de OPC.

## **3. Forma de acompanhamento e assistência:**

Será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa da pesquisa. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será encaminhado para tratamento adequado de maneira imediata, integral e gratuita para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios, de qualquer natureza, para diminuir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa, sob a responsabilidade dos pesquisadores.

## **4. Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo**

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, por meio dos telefones e e-mail citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo seu envolvimento voluntário e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a

sua participação não será divulgado. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

#### **5. Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos**

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso você sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, os pesquisadores garantem indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, clique de forma livre e espontânea em ciente e será encaminhado para o questionário.

## **APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os responsáveis dos adolescentes e jovens maior de idade**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a autorizar voluntariamente a participação do menor de idade a contribuir com a pesquisa intitulada “Desenvolvimento de um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para Ensino Médio”. Meu nome é Nadine Botelho Santos, sou psicóloga discente do mestrado profissionalizante no curso de pós-graduação em ensino para a Educação Básica do IF Goiano - Campus Urutaí. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade dos pesquisadores responsáveis e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis: Nadine Botelho Santos, Dr. André Luis da Silva Castro e Ms. Mariana Costa Brasil Pimentel, por meio do telefone (62) 98271-3374 ou e-mail nadinebotelho1@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano, situado na Rua 88, nº310, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás. Caixa Postal 50, pelo telefone (62) 9 9226 3661 ou pelo email cep@ifgoiano.edu.br.

#### **1. Justificativa, os objetivos e procedimentos**

A presente pesquisa é motivada pelo interesse de compreender como a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) pode ser inserida nas escolas. O objetivo desse projeto é validar a qualidade e contribuição de um protocolo de OPC de primeira escolha com adolescentes para aplicação no Ensino Médio. A pesquisa se desenvolverá na aplicação de um protocolo de OPC com grupos de adolescentes fixos no decorrer de 8 encontros remotos por meio da plataforma Google Meet. Em cada encontro, trabalharemos uma temática da OPC e, ao final de cada encontro, coletaremos dados da experiência do participante através de um questionário.

#### **2. Desconfortos, riscos e benefícios**

A presente pesquisa considera que a participação do adolescente tem como risco o envolvimento e a mobilização de conteúdos emocionais, ou mesmo dificuldade em se

posicionar em relação aos temas propostos no questionário. Isto pode ocorrer devido à realidade que cada um vivencia a partir de suas experiências psíquicas, morais, intelectuais, sociais, culturais e espirituais. Além do risco de cansaço no preenchimento do questionário. Esses riscos serão minimizados pela total liberdade para não responder algumas perguntas quando não se sentir disposto e o direito de se retirar da pesquisa, em qualquer etapa sem causar-lhe danos. Caso aconteça algo de errado, o adolescente receberá assistência total sem custos.

Os benefícios oriundos da participação do jovem serão a oportunidade de um momento de reflexão sobre o contexto de vida que vivencia e quais as projeções que gostaria de ter sobre seu crescimento pessoal e profissional. Em todos os encontros, haverá o acompanhamento de uma escuta atenta e compreensiva, sem caráter moral e julgador, por profissionais habilitados que acolherão as demandas que aparecerem.

### **3. Forma de acompanhamento e assistência:**

Será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. O participante terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso ele apresente algum problema, será encaminhado para tratamento adequado de maneira imediata, integral e gratuita para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios, de qualquer natureza, para diminuir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa, sendo imediatamente contatado os seus responsáveis sobre as medidas a serem tomadas e possibilitar o acompanhamento deste no tratamento necessário, sob a responsabilidade dos pesquisadores.

### **4. Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo**

O (a) adolescente será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, por meio dos telefones e e-mail citados acima. Ele é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo que seu envolvimento voluntário e a recusa em participar não irão acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a identidade do voluntário com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Nome ou material que indique a participação do voluntário não será divulgado. O participante não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

## **5. Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos**

Para participar deste estudo, o colaborador não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso ele sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, os pesquisadores garantem indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, clique em [ciente](#) para autorizar a participação do menor na pesquisa intitulada “Desenvolvimento de um modelo de orientação profissional e de carreira com adolescentes para Ensino Médio”, de forma livre e espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento.

## **APÊNDICE E - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os estudantes**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa sob o título “Desenvolvimento de um modelo de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) com adolescentes para Ensino Médio”. Seu responsável permitiu que você participe. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá nenhum problema se desistir. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo, pesquisadora responsável Nadine Botelho Santos ou com os pesquisadores e orientador da pesquisa Professor Dr. André Luis da Silva Castro ou Ms. Mariana Costa Brasil Pimentel, pelo telefone: (62) 98271-3374 ou e-mail [nadinebotelho1@gmail.com/andre.castro@ifgoiano.edu.br](mailto:nadinebotelho1@gmail.com).

Esta pesquisa tem como objetivo validar a qualidade e contribuição de um protocolo de OPC de primeira escolha com adolescentes para aplicação no Ensino Médio. Se você quiser participar, iremos aplicar um protocolo de OPC com grupos de adolescentes fixos no decorrer de 8 encontros de forma remota por meio da plataforma Google Meet. Em cada encontro, trabalharemos uma temática da OPC e ao final de cada encontro coletaremos os dados da sua experiência como participante por meio de um questionário.

A presente pesquisa considera que a sua participação tem como risco o envolvimento e a mobilização de conteúdos emocionais, ou mesmo dificuldade em se posicionar em relação aos temas propostos no questionário. Isto pode ocorrer devido à realidade que cada um vivencia a partir de suas experiências psíquicas, morais, intelectuais, sociais, culturais e espirituais. Além do risco de cansaço no preenchimento do questionário. Esses riscos serão minimizados pela sua total liberdade para não responder algumas perguntas quando não se sentir disposto e o direito de se retirar da pesquisa, em qualquer etapa sem causar-lhe danos. Caso aconteça algo de errado, você receberá assistência total e sem custo.

Este estudo tem como benefício a oportunidade de um momento de reflexão sobre o contexto de vida que vivencia e quais as projeções que gostaria de ter sobre seu crescimento pessoal e profissional. Em todos os encontros haverá o acompanhamento de uma escuta atenta e compreensiva, sem caráter moral e julgador, por profissionais habilitados que acolherão as demandas que aparecerem.

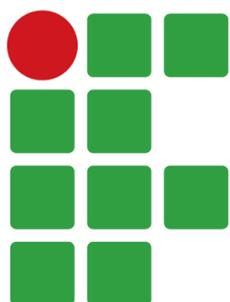
Os resultados da pesquisa serão divulgados, mas todos os seus dados serão mantidos em sigilo. Qualquer dúvida que você tiver, pode me perguntar quando quiser.

Caso queira participar da pesquisa e tenha compreendido que pode desistir de participar a qualquer momento, e que isto não terá nenhum problema, clique em ciente.

## **APÊNDICE F - Questionário para os estudantes em escala likert**

- 1.** Tive facilidade em compreender o que a atividade pedia.
  - a)** Concordo totalmente
  - b)** Concordo
  - c)** Não concordo nem discordo
  - d)** Discordo
  - e)** Discordo totalmente
  
- 2.** Me senti motivado a realizar a atividade proposta.
  - a)** Concordo totalmente
  - b)** Concordo
  - c)** Não concordo nem discordo
  - d)** Discordo
  - e)** Discordo totalmente
  
- 3.** Me senti acolhido e respeitado durante as atividades em grupo.
  - a)** Concordo totalmente
  - b)** Concordo
  - c)** Não concordo nem discordo
  - d)** Discordo
  - e)** Discordo totalmente
  
- 4.** Me senti à vontade para compartilhar minha opinião no grupo.
  - a)** Concordo totalmente
  - b)** Concordo
  - c)** Não concordo nem discordo
  - d)** Discordo
  - e)** Discordo totalmente
  
- 5.** Aprendi algo novo sobre mim e /ou o mundo do trabalho.
  - a)** Concordo totalmente
  - b)** Concordo
  - c)** Não concordo nem discordo
  - d)** Discordo
  - e)** Discordo totalmente
  
- 6.** A atividade desenvolvida me estimulou a refletir sobre a minha escolha profissional

- a)** Concordo totalmente
- b)** Concordo
- c)** Não concordo nem discordo
- d)** Discordo
- e)** Discordo totalmente



**INSTITUTO  
FEDERAL**

Goiano

---

Campus  
Urutaí